

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XXVI

JANEIRO-MARÇO DE 1964

Nº. 1

O RIO OIAPOQUE *

Cel. JOÃO DE MELLO MORAES

(Da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites)

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Da confluência das águas dos rios Queriniutu e Uacipeim aos 2º 10' 10",7 N; 52º 58' 48",0 W Grw e 155 metros de altitude (CBDL-1.ª Divisão, 1954) resulta a formação do rio Oiapoque, constituindo-se o primeiro daqueles formadores, sua principal cabeceira.

Podemos sistematizar o estudo do curso do Oiapoque, dividindo-o em três secções: Alto, Médio e Baixo Oiapoque.

Chamamos de Alto Oiapoque ao trecho com cêrca de 186 quilômetros de desenvolvimento, compreendido entre a referida confluência e a foz do Camopi, seu maior afluente. Caracterizam o Alto Oiapoque as seguintes circunstâncias:

- a) Largura máxima de 250 metros, exceto em secções com ocorrência de arquipélagos ou ilhas, ficando entretanto inferior a 1 000 metros o afastamento entre ambas as margens.
- b) Comprimento máximo de uma ilha: 1 400 metros.
- c) Numerosos trechos com margens baixas: frequência da palmeira açai.
- d) Vegetação mais pujante ao longo das margens: riqueza de epífitas e lianas.
- e) Poucos afloramentos rochosos de certa magnitude.
- f) Declividade 0,04%.

Por sua vez o Alto Oiapoque pode ser dividido em duas subsecções: Inferior e Superior, em virtude de distinções bêm expressivas.

Reconhecemos assim o Alto Oiapoque Inferior, entre as confluências dos rios Camopi e Ingarari, com cêrca de 125 quilômetros de extensão, comportando:

— Formação dos primeiros grandes arquipélagos e ilhas bem isoladas das margens.

* A presente contribuição foi extraída do relatório apresentado em 1957 à Comissão Demarcadora de Limites do Ministério das Relações Exteriores, pelo Cel. JOÃO DE MELLO MORAES, sob o título geral *Missão no Rio Oiapoque*. Em que pese a época em que foi elaborada, é ainda de grande atualidade e importância pelo que indica de interesse geográfico relativamente à região percorrida e observada para efeito de determinação da fronteira sobre o Oiapoque, objeto de deliberações acordadas nas 1.ª e 2.ª Conferências da Comissão Mista Brasileiro-Francesa de Demarcação de Limites, levadas a efeito em Paris, respectivamente nos anos de 1955 e 1956.

- Aparecimento de grandes afluentes: Maturá, Iarupi e Iauê.
- Maior freqüência de cachoeiras e despontamentos de rochas.
- Curvas do rio mais amplas: diminuição das sinuosidades e encontro de grandes estirões.
- Vegetação apenas portentosa, só pouco a jusante da foz do Ingarari.
- Menor ocorrência de açais.
- Declividade 0,03%.

Quanto ao Alto Oiapoque Superior, que se desenvolve em 61 quilômetros entre a foz do Ingarari e a confluência dos rios Queriniutu e Uacipeim, notamos as seguintes diferenças:

- Mudança da direção geral NNE-SSW do curso do Oiapoque para NE-SW.
- Largura do rio compreendida normalmente entre 20 e 100 metros.
- Ausência de ilha que se revista de qualquer importância.

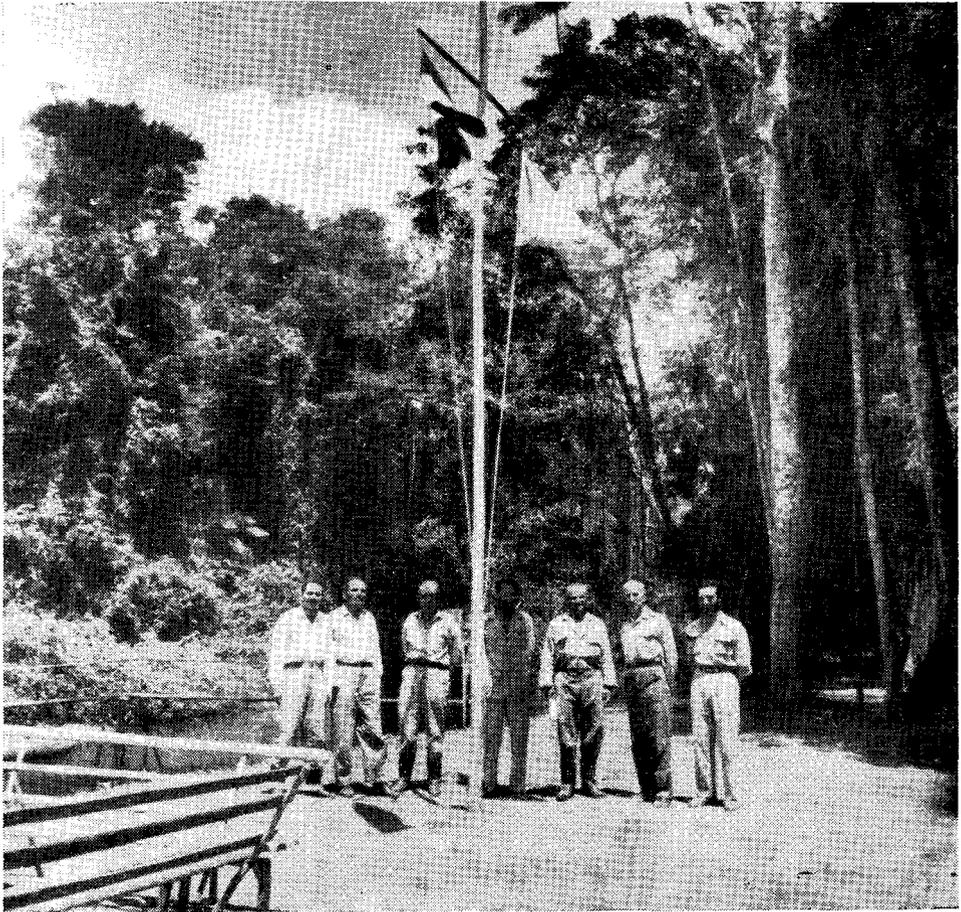


Foto 1 — Grupo parcial de membros da Comissão Mista Brasileiro-Francesa de Demarcação da Fronteira, entre o Brasil e a Guiana Francesa, que durante o ano de 1956 operou no rio Oiapoque e nos seus formadores. Da direita para a esquerda: HIEZ, hidrólogo francês; MIRANDA POMBO, ajudante-técnico brasileiro; MELLO MORAES, engenheiro geógrafo; JEAN BRETEAU, engenheiro francês; Dr. DURVAL, médico brasileiro; Ten. TORQUATO RIBEIRO e DILERMANDO MENDES, auxiliares técnicos brasileiros. (Foto — Dilermando Mendes).

— Afloramentos de rochas mais esparsas, resumindo-se em cinco expressões os dignos de menção: Manauá, Três Saltos, Taiuá, Iraçapá e Ituçançaim.

— Ocorrência mais repetida de açais nas margens do rio.

— Trechos atravancados de árvores caídas, por solapamento das barrancas, dificultando a navegação, entre a confluência dos formadores e a cachoeira Ituçançaim.

— Declividade 0,06%.

Médio Oiapoque — Consideramos como Médio Oiapoque a secção do rio compreendida entre a confluência do Camopi e a Grande Rocha, abrangendo 102 quilômetros de extensão, segundo a linha do talvegue.

Distingue-se o Médio Oiapoque das outras secções do seu curso, por circunstâncias bastante notáveis:

— Maior número de ilhas e arquipélagos.

— Comprimento máximo de uma ilha: 2 400 metros.

— Amplos trechos encachoeirados, formando algumas vezes sistemas complicados: dédalo de ilhas, ilhotas, canais e corredeiras que tumultuam ante despontamentos rochosos distribuídos em diques, blocos arredondados e lajeados.

— Margens mais elevadas, tanto que não notamos a presença da palmeira açai.

— Declividade 0,06%.

O Médio Oiapoque apresenta a largura máxima de 1 700 metros, em zona de arquipélago e com o afastamento das margens, variando entre 60 e 500 metros, fora dos trechos de ilhas.

Baixo Oiapoque — É a secção do rio, com 64 quilômetros de extensão, ocupada pelo seu nível de base e que vai da sua foz, na baía do Oiapoque ao acidente geológico denominado Grande Rocha.

O Baixo Oiapoque constitui sem dúvida uma feição bem expressiva e singular das secções do rio:

— Nível das águas e vegetação das margens baixas, sujeitos à influência da maré.

— Inexistência de arquipélagos formados sôbre afloramentos rochosos.

— Ocorrência de ilhas tipicamente fluviais.

— Associação de buritis e açais, nas ilhas e margens baixas, salvo nas imediações de foz, onde a maior salinidade da maré condiciona o revestimento monótono de siriúbas.

— Largura mínima de 250 metros (estreito denominado "Morna", situado no trecho compreendido entre as cidades de Oiapoque e Saint Georges).

— Alargamento máximo verificável em todo o curso do rio, a partir da confrontação da Ponta dos Índios, desde 2 000 metros a 5 000 metros na foz.

— Comprimento máximo de uma ilha: 8 500 metros.

— Declividade 0,03%

RESUMO

	<i>Extensão</i>	<i>Declividade</i>	<i>Largura</i>	
			Máx.	Mín.
Alto Oiapoque Superior	61 km	0,06%	100 m	20 m
Alto Oiapoque Inferior	125 km	0,03%	1 000 m	30 m
Médio Oiapoque	102 km	0,06%	1 700 m	60 m
Baixo Oiapoque	64 km	0,03%	5 000 m	250 m
RIO OIAPOQUE	352 km	0,04%	5 000 m	20 m

Examinando os valores das extensões e declividades, notamos que os trechos de maior correnteza do rio Oiapoque estão no seu curso superior e médio, os quais verdadeiramente encerram os maiores degraus do rio, notadamente naquele último, onde se desdobram as suas mais notáveis cachoeiras e corredeiras.

Correspondem também às três grandes divisões físicas do curso do Oiapoque, aspectos antropogeográficos bem distintos.



Foto 2 — Acampamento das turmas brasileiras da CDBL — (Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1.ª Divisão), na margem direita do rio Oiapoque, logo a jusante da Confluência dos seus formadores (rios Queriniutu e Uacipetm), chamada "Degrad Galoupa", pelos franceses. (Foto Dilermando Mendes).



Foto 3 — Acampamento da turma francesa de demarcação do IGN (Institut Géographique National), na margem esquerda do rio Oiapoque, confrontando com o acampamento das turmas brasileiras. (Foto — Dilermando Mendes).

Assim, o Baixo Oiapoque constitui o trecho do rio mais povoado, contando com vários recursos da civilização moderna, e o freqüentam embarcações de dezenas de toneladas, vindas de Belém e Caiena.

Já o Médio Oiapoque é escassamente povoado; acessível apenas por pequenas canoas que exigem na sua direção os práticos em navegar sôbre as corredeiras e pelos labirínticos canais dos arquipélagos.

Cessa no Médio Oiapoque a presença do civilizado.

Surge então o êrmo Alto Oiapoque, onde sômente raras malocas de rudes índios "Oiampi" humanizam certos trechos da paisagem.

ÁREA DA BACIA DO OIAPOQUE — 30 000 quilômetros quadrados aproximadamente, dos quais cêrca de 19 500 ou 65% da área total pertencem ao Alto Oiapoque, bacia do rio Camopi e formadores do rio Oiapoque.

A configuração da área da bacia do Oiapoque pode ser assimilada a uma pena de escrever, em que quase tôda a parte afilada corresponde ao Médio e Baixo Oiapoque.

Trata-se caracteristicamente, de um vale de fundo chato e de desenvolvimento retilíneo.

A) GEOMORFOLOGIA — Imaginemos o encontro de dois planos suavemente inclinados, um voltado para ESE e o outro para WNW, de modo que resulte uma linha de intersecção horizontal. Admitamos agora uma insignificante inclinação dessa intersecção para NNE e teremos esquemática e geomêtricamente figurada a bacia do Oiapoque, em que a linha de intersecção representa o rio Oiapoque e os aludidos planos as suas vertentes, respectivamente contendo os afluentes vindos da Guiana Francesa e do Brasil.

A explicação da disposição da bacia do Oiapoque reside em fatos de natureza tectônica.

Assim, a direção geral do curso do rio Oiapoque, como de seus afluentes pode ser atribuída ao resultado do esforço tangencial WNW-SSE: deslocamento do escudo "cristalino brasileiro" de encontro ao trecho da cinta orogenética andina, disposto na direção NNE-SSW. Dêsse diastrofismo também teria decorrido o algonquiano do território do Amapá.

A propósito: na zona dos mais conspícuos afloramentos de gnaiss do rio Oiapoque, assinalada pela cachoeira Camarauá (pouco a montante da confluência do Camopi) verifica-se um belo testemunho do esforço tangencial a que nos referimos, com o dobramento do cristalino segundo a direção WNW-SSE.

Por outro lado, a direção geral das águas do rio Oiapoque de SSW para NNE obedece a um suave basculamento nessa direção do escudo das Guianas.

As intrusões de rochas eruptivas que a erosão descobriu em certos trechos do leito do Oiapoque e de numerosos afluentes, atestam com eloquência que o embasamento cristalino, sofreu um verdadeiro sistema de fraturamentos, preenchido de diques de diorito, diabásio ou basalto, ou então de veios de pegmatito, responsáveis quase sempre pelos desníveis: cachoeiras ou corredeiras.

O Alto e Médio Oiapoque, bem como parte do Baixo Oiapoque drenam uma região da mais remota era geológica, transformada num penplano em virtude de longa ação erosiva.

O rio Oiapoque e todos seus afluentes teriam atingido perfeitamente o teórico perfil de equilíbrio, não fôra a exposição em muitos trechos de diques e veios de eruptivas que a par de terem promovido metamorfismos nas rochas encaixantes, dispõem-se com frequência nos leitos dos rios, à guisa de barragens ou travessões.

Por isso, o rio Oiapoque oferece em seu curso contrastes extraordinários.

Aqui, ainda Alto Oiapoque, um trecho senil, com águas tão tranquilas que parecem a superfície espelhante de um lago, refletindo a vegetação marginal, ou deslizando imperceptivelmente nos magníficos estirões.

Ali, borbulhando, cachoando ao escoar torrentoso, subdividido por um espriado de rochedos, o que imprime ao geològicamente velho Oiapoque, certa feição de rejuvenescimento, mercê de degraus no leito gnáissico primitivo ou de mudanças de declividade, relacionadas com o despontamento de diques ou veios de rochas eruptivas.



Foto 4 — Limnômetro de fabricação A. Ott (Kempten-Baviera), instalado na margem esquerda do rio Queriniutu, próximo da confluência com o Uacipeim, em cuja margem direita também foi colocado idêntico aparelho pela Missão Francesa de Demarcação da Fronteira Brasil-Guiana. Os registros desses instrumentos, durante longos meses, nas mais diversas condições de descarga dos jorreadores do Oiapoque, vieram comprovar as medições realizadas em 1954, pela CBDL-1.ª Divisão, que então evidenciaram ser o rio Queriniutu de maior volume d'água. (Foto de Dilermando Mendes)

B) GEOLOGIA — Importância dos afloramentos rochosos.

Decomposição das rochas. Marmitas. “Rochas-fluviômetros”. Conglomerado de Clevelândia. Baía de Oiapoque. Rochas típicas.

Importância dos afloramentos rochosos — Uma das mais fortes impressões que se fixam em que perlustra o Médic e Alto Oiapoque, notòriamente em águas baixas, é, sem dúvida, a espantosa exuberância de afloramentos rochosos do seu leito.

Realmente, o Oiapoque é por excelência rochoso, um “rio de pedras”.

Desde a formação de cachoeiras ou corredeiras é o império das rochas: balizam todo o curso do rio; constituem grandes trechos do

seu talvegue; condicionam a formação de muitas ilhas e denunciam quase sempre a próxima ou imediata existência de uma volta do rio.

As grandes curvas do rio e até as suas menores sinuosidades podem ser geralmente correlacionadas com os despontamentos rochosos e têm as mais significativas, a abertura voltada para o quadrante SE.

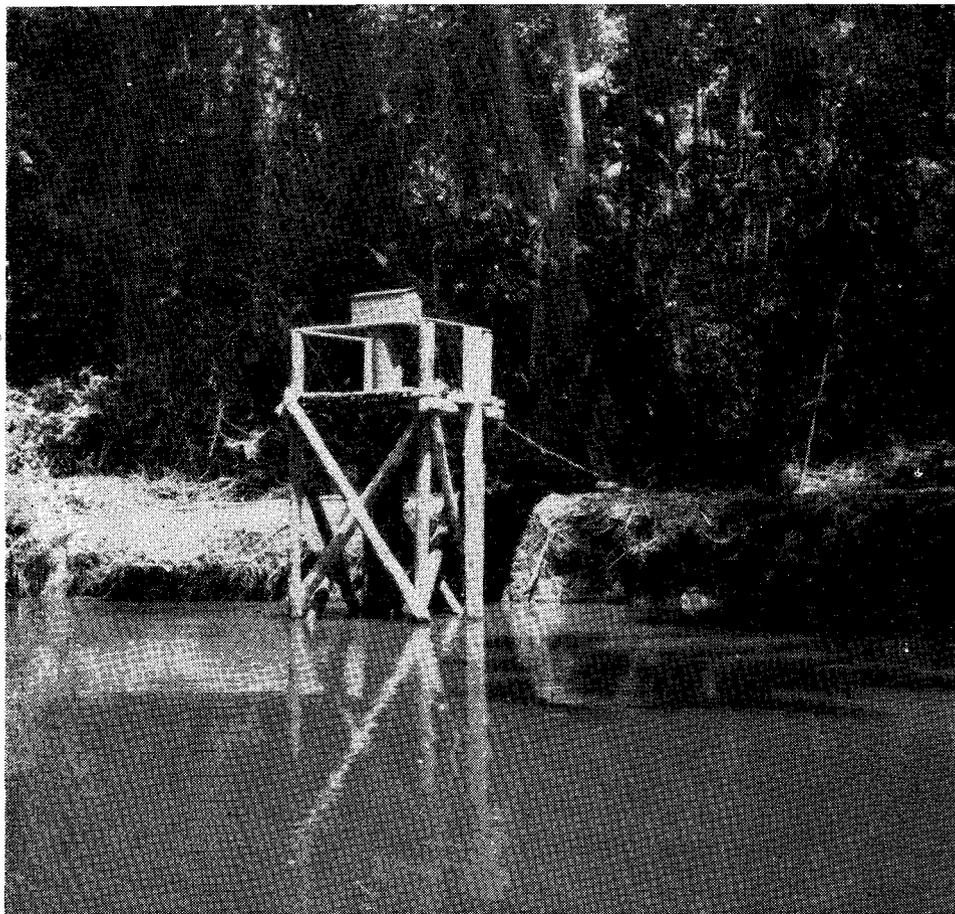


Foto 5 — *Limnômetro instalado na margem direita do rio Uacipeim, formador secundário do rio Oiapoque, chamado Leblond por Crevaux; Ouateou por COUDREAU e Souanré, nas últimas cartas da Guiana Francesa, levantadas pelo IGN. (Foto de Dilermando Mendes)*

Tal orientação não ocorre por acaso, mas é ditada pela disposição geral N-S a NW-SE dos grandes travessões rochosos que tendem a impelir as águas correntes de encontro à margem esquerda do rio, alargando-o conseqüentemente na direção geral de NW, circunstância que se patenteia nas águas altas, porquanto no verão as águas se acumulam na talvegue, cuja tendência no Alto e Médio Oiapoque é aproximar-se da margem direita.

Por outro lado, os afloramentos rochosos exercem notável influência na localização do canal principal de navegação, durante as águas baixas, importando também em grandes determinantes da soberania das ilhas, em virtude de ocorrerem muitas vezes sob a forma de barragem, entre as mesmas e uma das margens do rio.

Decomposição das rochas — Um dos aspectos mais característicos do processo de decomposição das rochas do rio Oiapoque é a função das diáclases, facilitando-lhes o fracionamento em blocos angulosos.

Rareiam os matacões clássicos, arredondados, porquanto a esfoliação desempenha efeito secundário.

Nota-se também que a superfície superior dos matacões não é arredondada ou pontuda, mas via de regra achatada.



Foto 6 — Entre as três canoas, cujos motores "Moto-Godille" estão protegidos por capas e a canoa isolada que se vê à direita da foto, reúnem-se as águas dos rios Queriniutu (Curiniotô, de PEDRO DE MOURA ou Kérindoutou, do IGN) e Uacipeim (Souanré do IGN), no ponto chamado "Confluência" (Brasil) ou "Degrad Galoupa" (França), dando lugar à formação do mais famoso rio da nossa história das questões de fronteiras: o Oiapoque. (Foto de Dilermando Mendes)

Importa assinalar que as rochas do rio Oiapoque são submetidas a ações muito especiais de temperatura.

Assim, no inverno, durante as águas altas, vários meses do ano, grande parte das rochas, permanece inteiramente imersa, sob temperatura média de 25° C, e então a ação sôbre as mesmas é quase inteiramente química.

No decorrer do verão e positivamente na fase de águas bem baixas, verifica-se o afloramento de numerosas rochas. Umas ficam completa-

mente expostas, até isentas do contacto com as águas do rio e outras emergem parcialmente.

As primeiras expõem-se apenas à ação da atmosfera e da incidência dos raios solares.

Quanto às rochas semi-expostas verificam-se ações físico-químicas bem interessantes: a parte externa é submetida às variações diurnas e noturnas de temperatura e aos aguaceiros de verão, após permanecerem muito tempo aquecidas pelo sol, ao passo que a parte inferior, mergulhada, goza da temperatura praticamente constante das águas do rio.

Várias vezes observamos a formação de vapor d'água resultando do encontro das águas da chuva, com a superfície escaldante das rochas expostas ao sol, horas seguidas.

Assim como sucede muitas vezes ao vidro que se parte ou trinca, quando submetido a rápidas mudanças de temperatura, também acontece às rochas após freqüentes e instáveis condições de temperatura externa.

Daí o predomínio de diáclases nas rochas que se alastram pelo rio Oiapoque, já que uma das condições para a esfoliação, é que a maior parte da superfície da rocha, sofra os mesmos efeitos de variações de temperatura externa.

Marmitas — No desgaste dos amplos afloramentos rochosos do Oiapoque assinalados pela ocorrência de cachoeiras ou corredeiras, o turbilhonamento de pequeninos seixos de quartzo (predominantes) ocupa uma posição de relêvo.

É o que testemunham as marmitas, encontradiças em diversas cachoeiras, que as águas baixas do rio, nos permitiram observar: Pequena Rocha, Três Saltos, Camarauá, Grande Rocha, etc.

Na Pequena Rocha ou Taiuá, contamos 5 marmitas, tôdas alongadas para jusante, atingindo uma delas 45 centímetros de profundidade.

"Rochas-fluviômetros" — Numerosos rochedos do Médio e Alto Oiapoque apresentam curiosas curvas de nível, que lhes imprimem o aspecto enganoso de rochas sedimentares.

São marcas oriundas da ação química de certos componentes das águas do rio, demonstrando por outro lado que o nível do Oiapoque se mantém por muito tempo estacionário em determinadas alturas.

Conglomerado de Clevelândia — A localidade de Clevelândia do Norte assenta-se num consistente banco de conglomerado de seixos miúdos de quartzo, ligados por cimento areno-ferruginoso.

A espessura dessa camada é de cerca de 2 metros, na barranca do rio e estende-se em terraço que se afasta da margem do rio perto de 300 metros.

Julgamos que êste conglomerado se tenha formado sôbre uma espécie de promontório, existente logo a montante do rio Pantanari, constituindo um trecho abandonado do leito do Oiapoque.

O tamanho dos seixinhos (até 2 centímetros aproximadamente de comprimento) denota proveniência de longa distância e por mais que investigássemos não topamos a presença de diabásio, ou basalto, repetindo aliás o que já tínhamos observado na composição dos seixos miúdos de alguns pontos do Alto e Médio Oiapoque.

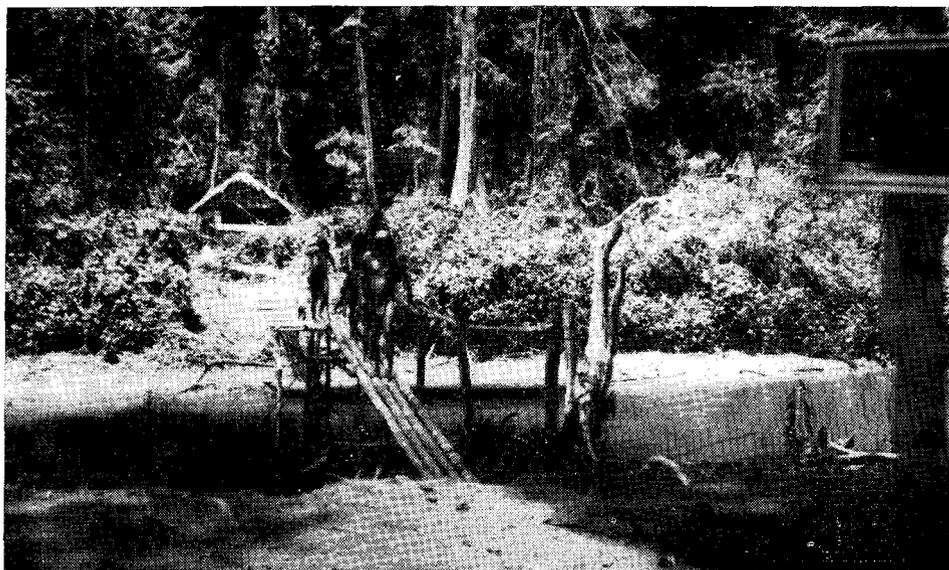


Foto 7 — Ponte improvisada no rio Oiapoque, ligando os acampamentos das turmas demarcadoras do Brasil e da França, logo abaixo da "Confluência" ou "Degrad Galoupa". Nota-se um grupo de indígenas (Oiampi), dirigindo-se para o acampamento brasileiro. (Foto — Cel. Mello Moraes).

A ausência daquela eruptiva básica é todavia explicável, porquanto a mesma aparece, raramente, no leito do rio, mesmo assim em exíguos diques. É que o Oiapoque é um rio eminentemente de rochas cristalinas.

Baía do Oiapoque — A formação da baía do Oiapoque, e o contraste existente entre as margens baixas e alagadiças do lado brasileiro e as imponentes elevações da margem guianense, que se deparam na entrada do magnífico acidente descoberto por PINZON baseiam-se em razões de ordem geológica.

A baía do Oiapoque é geologicamente de origem recente, isto é, inexistia entre o arqueano e princípio do quaternário, ou o lugar onde se encontra era então a costa marítima, limiar de rasas águas oceânicas.

Então, a foz do Oiapoque coincidia praticamente com a latitude da Ponta dos Índios, desembocando o rio oblíquamente à direção Ponta dos Índios — Ponta Bruyère.

Mercê de depósitos de rios e vasa dos mangues, assentando-se sôbre a baixa plataforma continental cristalina que mergulha suavemente

para NNE, foram-se formando a Ponta do Mosquito e a península cuja extremidade NNE é o cabo Orange, dando então lugar à baía do Oiapoque.

Dada essa origem geológica da Ponta do Mosquito e do cabo Orange, a margem oriental da baía do Oiapoque, apresenta-se baixa e apenas revestida da vegetação monótona da siriúba (15 metros de altura média) atestando a influência da salinidade marítima.

Já na borda ocidental da baía do Oiapoque salientam-se duas grandes elevações: montanhas d'Argent e Bruyère, provocando o contraste de relêvo que emoldura esplêndidamente, as raias setentrionais do litoral brasileiro.

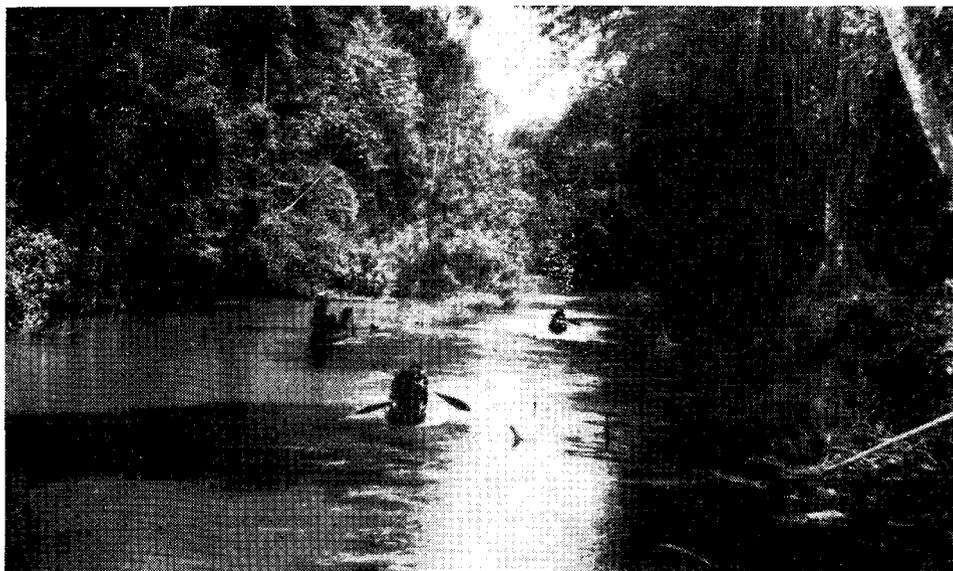


Foto 8 — Aspecto característico do Alto Oiapoque Superior, na proximidade dos seus formadores. Observem-se a pequenez das canoas e a forma dos remos, utilizados pelos índios Oiampi. (Foto Cel. Mello Moraes)

Ao passo que a margem oriental da baía do Oiapoque resultou de uma sedimentação quaternária, que dita a inexpressividade altimétrica do cabo Orange, reduzindo-se em simples fímbria, que mal assoma ao nível das águas, as elevações da margem oposta estão filiadas a um sistema montanhoso, originado por uma falha costeira de direção geral WNW-ESE do escudo guianense.

Outro aspecto interessante é que o Brasil “continua crescendo” no seu extremo norte litorâneo.

Isso se deve à formação de baixios junto ao cabo Orange, na orla marítima; às vasas do mangue e sedimentos atuais que vêm aumentando as duas ilhas da foz do Oiapoque e a Ponta do Mosquito, na direção geral de NNW.

À medida que vão emergindo êsses sedimentos, a siriúba encarrega-se de definir os seus contornos.

Vejamos por exemplo o caso da ilha que se nos depara no meio do rio, em frente da foz do rio Ooiapoque (Ilha Jonc ou Bruyère — denominações francesas).

Essa ilha de 3 400 metros de comprimento e 1 000 de largura máxima, portanto mais de 3 quilômetros quadrados de área, apresenta-se sob o aspecto de um disco, vista longitudinalmente, cresceu sôbre um baixio, revestindo-se de siriúbas.



Foto 9 — Cachoeira Ituçançaim, chamada "Toussassagnei", pelo grande explorador HENRI COUDREAU, situada no Alto Oiapoque Superior, entre a cachoeira dos Três Saltos e a "Confluência".
(Foto de Dilermando Mendes).

Ela não aparece no mapa de PEDRO MOURA (Rio Oiapoque — 1933, exploração realizada em 1931), nem nos últimos mapas do Brasil e do território do Amapá.

Segundo informações de velhos conhecedores do Oiapoque, o baixio principiou a tomar o aspecto de ilha, há cêrca de 20 anos com o aparecimento de siriúbas. Contam que por volta de 1946 tinha ela metade do tamanho atual, tendo de então para cá, crescido para jusante, tal como vem sucedendo com a Ponta do Mosquito e a ilha do Periquito.

ROCHAS TÍPICAS

Alto Oiapoque Superior

Diorito: Cachoeira do Índio ou cachoeira Iraçapá.

Gnaisse: — Cachoeira dos Três Saltos, cachoeira Taiuá ou Pequena Rocha.

Granito: — Cachoeira Ituçançaim.

Pegmatito: — Veios nas cachoeiras: Três Saltos, Taiuá e Manauá.



Foto 10 — Cachoeira dos Três Saltos, a Ituaçu dos indígenas, o mais notável acidente no curso do Alto Oiapoque. A margem esquerda, guianense, junto à queda de jusante, constitui um atrante e por assim dizer, ponto obrigatório de acampamento dos viajantes e exploradores do rio limítrofe. (Foto de Dilermando Mendes).

Alto Oiapoque Inferior

Diabásio: — Diques entre Alicotô e a foz do Iauê.

Diorito: — Afloramentos entre as confluências do Maturá e Iarupi.

Gnaisse: — Cachoeiras Camarauá, Alicotô, Acô ("Mata-Índio").

Granitito: — Cachoeiras Cumalauá, Pequeno Alicotô.

Médio Oiapoque

Diabásio: — Diques na Grande Rocha e nas cachoeiras: Caimã, Uauaru foz do Muchiri (montante).



Foto 11 — O rio Oiapoque na confluência do rio Maturá, um de seus grandes tributários brasileiros (Foto Cel. Mello Moraes)



Foto 12 — Aspecto típico do Médio Oiapoque, quando livre das frequentes ocorrências de corredeiras e cachoeiras. No plano anterior, vêem-se dois trabalhadores da CDBL-v.ª Divisão, viajando numa canoa movida por motor de pópa "Moto Godille". (Foto Cel. Mello Moraes).

Diorito: — Dique a montante da foz do Baton Pilon.

Gnaisse: — Grande Rocha, cachoeiras: Anauá, Caxiri, Fourmi-Oiapoque, Acaraiú.

Granitito: — Boa Esperança do Camopi, foz do Anotaié, corredeiras a jusante da confluência do Matabô.

Granito: — Fourmi-Oiapoque, Caxiri.

Hornblenda-gnaiss-granítico: — Grande Rocha.

Pegmatito: — Corredeiras a montante da foz do Siquini.

Taquilito: — Dique no Fourmi-Oiapoque.

Baixo Oiapoque

Bauxita: — Rio Pantanari.

Conglomerado limonitoso: — Ponta dos Índios.

Conglomerado quartzoso: — Clevelândia do Norte.

Diabásio: — Morna.

Granito: — Santo Antônio, Ilha do Pombo, Pão de Açúcar (no meio do rio, entre as ilhas Galibis e Abreu).

Vasa: — Extremidade jusante das ilhas da foz do Oiapoque, ilhas Portugêsas, Ponta do Mosquito.

Observação: — Ocorrem pequenas áreas de aluviões, nas margens baixas do rio Oiapoque, bem como sobressaem no seu curso Alto e Médio depósitos de areia e seixos miúdos, notoriamente de quartzo.

C) RECURSOS MINERAIS — Até pouco tempo, era o ouro, o único recurso mineral conhecido na bacia do Oiapoque, salvo argilas para cerâmica, areia e pedras de construção.

Todavia, recentemente, ocorrências de bauxita têm sido assinaladas junto ao rio Cricu e notoriamente no rio Pantanari, sem que até agora tenha sido positivado o seu valor econômico.

É que a bauxita tem sido encontrada muito esparsa, a par dos afloramentos não oferecerem possança industrial, isto é, não constituírem propriamente uma jazida.

Durante a nossa permanência em Clevelândia do Norte observamos várias vezes o vôo de um avião, de uma companhia norte-americana, que vem realizando prospecção de bauxita.

Por outro lado soubemos que na Guiana Francesa vai ser iniciada a exploração de bauxita.

Ouro — Não fôra a ocorrência de ouro na bacia do Oiapoque, o homem civilizado seria encontrado apenas no Baixo Oiapoque, porquanto foi de duração efêmera a industrialização do pau-rosa, mesmo assim limitada a um pequeno trecho das margens do rio Oiapoque (Matabô, Cricu) e que cessou com a prática extinção da referida essência nas margens daquele rio.

O *rush* dos faiscadores do ouro das Guianas teve início em meados do século passado, avassalando também os rios Caciporé e Calçoene, no atual território do Amapá.

Quanto ao rio Oiapoque, pelo menos, a “febre do ouro” serviu para que o civilizado se fixasse mais rio acima, surgindo então o posto aduaneiro, na confluência do Camopi, Guiana Francesa, e o povoado brasileiro de Boa Esperança do Camopi.

Realmente, tanto o rio Oiapoque, quanto alguns de seus numerosos afluentes, são auríferos. Entre os tributários da margem esquerda, são famosos os rios Sikini e Camopi, ao passo que na vertente brasileira se apontam os rios Taparabô, Açalzal, Pantanari, Anotaié, Marupi, Iauê, Maturá, Ingarari e Mutacuera.

Entretanto, a atividade dos faiscadores limita-se, no momento, somente a depósitos afastados do rio Oiapoque, e apenas na Guiana Francesa (Camopi, Sikini).

Soubemos em Boa Esperança do Camopi — informante que por sinal ostentava um grosso anel, com engaste formado por uma pepita de vários gramas — terem sido retirados por um crioulo guianês que faiscou o Marupi, cêrca de 35 quilos de ouro em grandes pepitas.

O fato é que o ciclo do ouro não está encerrado e até em Boa Esperança do Camopi a moeda corrente é o grama-ouro, tanto que nos pediram um “grama e meio”, por uma melancia...

No próprio rio Oiapoque cita-se a ocorrência de ouro; no diabásio da cachoeira Caimã e nos dioritos das cachoeiras Uauaru e Iraçapá, atingindo o teor de 4 gramas por toneladas de rocha.

Argilas — Areia e pedras de construção

A constituição geológica da área da bacia do Oiapoque é bem favorável ao encontro de manchas de argila que se prestam aos fins da cerâmica.

Entretanto, construções de alvenaria só se vêem no Baixo Oiapoque, sendo as pedras abundantes junto à cachoeira da Grande Rocha: diabásio, granito, gnaisse.

Próximo ao pôsto do Serviço Nacional de Proteção aos Índios, na margem direita do rio Uaçá, ocorre um excelente depósito de argila, que vem servindo há muito tempo, para fabricação de tijolos.

Quanto à areia, tal como sucede em relação à pedra, não há problemas em todo o rio, ao menos no curso inferior do Baixo Oiapoque a jusante das ilhas Galibis.

Durante o inverno, com os rios cheios é que se torna muito difícil a obtenção de areia e pedra. Todavia, pouco afastado dos rios há possibilidade do encontro de densas camadas de areia, bem lavadas, como as que se nos deparam entre a cidade do Oiapoque e o Aeroporto.

D) RELÊVO — Conforme assinalamos, a área da bacia do Oiapoque está reduzida a um peneplano.

É que o embasamento cristalino sôbre o qual está esculpido o relêvo, estêve sempre emerso, submetido a milhões de anos à ação enérgica da erosão, antes que o aparecimento da vegetação o revestisse.

Quando esta se constituiu num verdadeiro manto protetor, apenas os ressaltos do terreno espraiavam-se em formas adoçadas, salvo um ou outro pronunciamento mais notável, mercê da maior resistência à erosão, pela presença de uma rocha eruptiva: diorito ou diabásio.

Assim pois, não é de admirar que o rio Queriniutu — cabeceira principal do rio Oiapoque — se forme num local alagadiço a pouco mais de 300 metros de altitude, assinalado pela presença de açais e caueiros.

Também o outro formador do rio Oiapoque — rio Uacipeim não vem de imponentes serras: tem as suas nascentes numa encosta de elevação pouco superior a 400 metros de altitude.

Portanto o Oiapoque não tem as suas cabeceiras, em alcandoradas serras situadas a 1 200 metros de altitude, nem junto de pico algum.

Mas essa fantasia só pôde ser positivamente desfeita com a expedição ao rio Oiapoque, realizada em 1954, pelo Cel. ERNESTO BANDEIRA COELHO, chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1.^a Divisão:

A maior atividade de intrusões de rochas eruptivas pode-se atribuir o pronunciamento das formas do relêvo ao longo do Oiapoque.

Por isso, o Alto Oiapoque Superior apresenta-se com grandes trechos de margens baixas alagadiças; o Alto Oiapoque Inferior já oferece alguns pontos com elevações distintas, como na margem esquerda, alturas da cachoeira Arariô e de Alicotô para jusante, então se patenteia a ação de rejuvenescimento do relêvo, máximo no Médio Oiapoque, onde se observa maior frequência de diques de diabásio.

O Baixo Oiapoque resume no aspecto geral do relêvo próximo ou marginal, tôda a configuração do terreno que perlonga o curso do rio, desde a sua formação: margens baixas, alagadiças; plataformas; barrancas e morros baixos de perfil suave: elítico ou oval.

E) CLIMA — Em todo o rio Oiapoque prevalece o tipo de clima reinante em quase tôda a Amazônia: o das “florestas tropicais”, isto é o tipo *Ami*, segundo a classificação de KÖPPEN.

Em *Ami* temos um clima úmido, tropical, com chuvas do tipo monção; temperatura média do mês menos quente, acima de 18°C e uma amplitude inferior a 5°C, entre as temperaturas médias do mês mais quente e do mês mais frio.

Dados meteorológicos sôbre Clevelândia do Norte revelam que no Baixo Oiapoque o valor anual das chuvas é de 3 241 mm; a temperatura mínima até hoje registrada 16°,0C (2-VII-928) e a máxima 38,8 (18-X-930).

A época de chuvas coincide com o inverno e primavera (hemisfério norte) abrangendo os meses de dezembro a julho, sendo maio o mês mais pluvioso.

Uma fase relativamente sêca ocorre de agosto a novembro, sendo setembro e outubro os meses mais secos.

Todavia, do ponto de vista agrônômico o clima é considerado ótimo.

Na Guiana Francesa as observações meteorológicas, ao longo do rio Oiapoque são realizadas em St. Georges (Baixo Oiapoque), e Camopi (ponto de junção entre o Médio e Alto Oiapoque).

Um registro importante indicado pela estação de Camopi é o decréscimo de chuvas do Baixo para o Alto Oiapoque.

Verificamos temperaturas mais frias no Alto Oiapoque, fato que se prende não só ao aumento de altitude, como ao afastamento do oceano, provocando maiores quedas termométricas ao anoitecer e madrugadas relativamente frias.

Os ventos predominantes na bacia do Oiapoque, são os dos quadrantes E, NE a SE, notando-se mais no inverno as direções NE e E.

Quanto à umidade absoluta ou tensão do vapor mantém-se em tórno de 20 mm e a umidade relativa varia entre 85 % e 100 %.

Entre os diversos fenômenos meteorológicos, observamos ao longo de todo o Oiapoque: o orvalho, o nevoeiro — alto e baixo, trovões, ventanias de curta duração e o arco-íris — simples e duplo.

De todos êles, o mais impressionante no Oiapoque é o nevoeiro.

Rara a manhã em que forte nevoeiro não se verifica, com exceção do Alto Oiapoque Superior e das proximidades da foz.

O trecho do rio em que o fenômeno se verifica com maior intensidade fica compreendido entre as ilhas Galibis e o rio Ingarari, portanto compreendendo o Baixo Oiapoque, o Médio e o Alto Oiapoque Inferior.

Nessa longa extensão há partes em que o nevoeiro é notável, a ponto de impedir a visibilidade a poucos metros, tais como, entre as ilhas Galibis e a Grande Rocha; entre as confluências do rio Camopi e Iarupi; na zona de Maria Flor, entre a foz do Cricu e a cachoeira Anauá, no Médio Oiapoque.

O nevoeiro forma-se normalmente durante as primeiras horas do dia ou da madrugada, dissipa-se entre 8h e 9h da manhã.

Circunstâncias locais exercem grande influência na duração e intensidade do fenômeno, como observamos em Clevelândia do Norte. Tanto assim é que enquanto na margem brasileira, o nevoeiro demorava mais em dissipar-se, o que atribuímos à presença da bacia do Pantanari, as elevações da Guiana Francesa, já se apresentavam bem distintas.

Em nosso "Diário" consignamos diversas observações, atinentes ao nevoeiro e às temperaturas simultâneas do ar e das águas do rio Oiapoque.

Concluindo essas considerações sôbre o clima reinante no rio Oiapoque, podemos afirmar que o mesmo não é deprimente: não há calor excessivo que impeça o trabalho; as noites são agradáveis e o maior atestado da bondade desse clima reside no aspecto saudável dos habitantes do rio, indígenas ou civilizados, brasileiros e guianeses.

A propósito: não devemos silenciar sôbre dois aspectos negativos que podem ser aventados contra a salubridade do vale do Oiapoque, isto é, a malária e polineurite.

Realmente, aí está a experiência da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1.^a Divisão, quer na campanha de 1954, como na de

1956 houve alguns casos de impaludismo e por isso ficou atestada a presença do vetor *A. Darlingi* nos formadores do Oiapoque.

Também na zona da confluência do Cricu (Médio Oiapoque) e em Clevelândia do Norte (baixo Oiapoque) houve em novembro de 1956 pequeno surto de malária.

A presença do *A. Darlingi* está muito correlacionada com a presença de águas praticamente estagnadas, como notamos no Cricu e logo a montante de Clevelândia do Norte.

Entretanto, um tratamento preventivo, eficiente, como o que vem sendo adotado pela Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1.^a Divisão, elimina o perigo de surtos de vulto, reduzindo a doença a casos isolados.

Quanto à neurite ou polineurite é um problema alimentar, uma hipovitaminose.

É o caso por exemplo de colonos cearenses, sediados na margem do Oiapoque, em Maria Flora, pela administração federal do território do Amapá e os quais, em pouco tempo tiveram de recorrer ao hospital de Oiapoque, vítimas de uma alimentação defeituosa: farinha d'água e algum peixe, agravada pelo abuso da cachaça.

F) FLORA — A vegetação que perlonga o Oiapoque está integrada na "hiléia guianense", salvo a de caráter halófilo que se encontra na zona de influência marítima.

A exuberância e o heteroclitismo florestal exprimem o aspecto fundamental da flora do Oiapoque.

Todavia não se pense ver exclusivamente, ao longo do Oiapoque, a flora halófila da zona da foz e em seguida, até às cabeceiras, uma única formação florestal.

É que fatores do complexo climático-edáfico ditam em vários trechos do rio, perfeitas distinções nas associações vegetais, surgindo matas de terra firme, matas de várzea, matas de igapó, formações limnófilas, disposições emaranhadas e gregarismo.

Ao resumir aqui, algumas observações de ordem prática, sobre a flora do rio Oiapoque, desejamos salientar o importante papel do relevo, condicionando a influência da água e, secundariamente o microclima e solo, como fatores determinantes dos diferentes tipos de vegetação.

No capítulo destinado às ilhas do Oiapoque, focalizaremos alguns pormenores da vegetação insular e marginal.

Baixo Oiapoque

- a) Mangue e siriúba — zonas sujeitas à salinidade da maré.
- b) Aninga e jaranduba — vegetação baixa, típica das margens sob o efeito da maré (águas doces).

c) Açai — assinala margens baixas e alagadiças. É a palmeira universal do Oiapoque, com a devida restrição quanto ao curso médio onde não conseguimos vê-la.

d) Buriti — uma palmeira típica do Baixo Oiapoque. Não a encontramos no Médio e Alto Oiapoque. Aparece muito associada à palmeira açai, esta porém avança mais para a foz do rio.

Médio Oiapoque

As florestas de terra firme aproximam-se das margens, porém sem a exuberância e as grandes árvores (30-40 metros) que se notam das proximidades da foz do Ingarari para o Alto Oiapoque, o que atribuímos ao relêvo marginal e influências microclimáticas.

Não fôra a destruição do pau-rosa o citaríamos ao lado do ipê amarelo, que encontramos em plena florescência no mês de novembro (fins do outono no hemisfério norte), como árvores típicas do Médio Oiapoque.

Alto Oiapoque Inferior

a) Diversificação de palmáceas: açai, bacaba, inajá, marajá, ubim.

b) Timbó, contendo rotenona, muito usado pelos índios Oiampi para tinguir ou entorpecer peixes do rio.

c) Parapará, árvore com belíssima floração roxa, em novembro.

d) Riqueza de lianas e epífitas.

e) Aningas, em solo lamacento, da confluência do Maturá para jusante, atingindo vários metros de comprimento.

Alto Oiapoque Superior

a) Domínio da palmeira açai.

b) Árvores de grande porte: samaúma, cedro, taçaizeiro, tapebazeiro, etc.

c) Riqueza de lianas e epífitas.

OBS.: A imbaúba está presente em todo o Oiapoque; aliás é uma “planta nacional”, êsse curioso “pau-de-formiga”.

RIQUEZAS FLORESTAIS

Pau-rosa — Esta essência foi outrora industrializada junto ao Oiapoque, até que praticamente desaparecesse das matas do Taparabô, Pantanari e no Médio Oiapoque, entre o Cricu e o estirão São Paulo.

Madeiras do Baixo Oiapoque: acapu, acariúba, angelim, andiroba, freijó, pau-amarelo, cedro, taparebá (canjerana), angico-vermelho, piquiá-marfim, abiurana, carapanã, copaíba, itaúba, jutaí, maçaranduba, meraúba, precaxi, quatuba, roseira, sapucaia, sorveira, sucuuba, tenteiro.

Sementes oleaginosas: andiroba, bacaba, açai, tucumã, urucuri.

Cipó: “titica”, que oferece o emprêgo do vime.

Madeiras do Médio e Alto Oiapoque: angelim, ipê (pau d'arco), cumaru, pitiá, sapucaia, e entre outras, as abaixo citadas.

Na construção da escola primária de Boa Esperança do Camopi, foram utilizadas algumas madeiras das vizinhanças, com os seguintes empregos:

Aquariquará (acariúba) — esteios; cedro — janelas e portas; louro vermelho — paredes, ripas; jarana — amarrações de cima e de baixo (telhado e aros).

Entretanto, tal como a escola de Ponta dos Índios a cobertura é de fôlha de zinco, sem fôrro, o que transforma a sala de aula em verdadeira estufa.

Timbó — Espécie contendo rotenona.

G) FAUNA — Assim como a flora do Oiapoque está contida na hiléia, também a fauna é amazônica.

Mencionemos aqui os nomes vulgares dos animais que foram por nós observados ou de cuja existência tivemos informações seguras, ficando dêste modo justificada a modesta citação, tratando-se da fabulosa fauna amazônica.

Baixo Oiapoque

Peixes — acari, caratipioca, curimatã, dourado, filhote (o maior peixe do Oiapoque), pescado, pirapema, pirarautaba. Também há no rio, camarão e caranguejo.

Anfíbios — rã, sapo canuaru.

Mamíferos — anta, cutia, maracajá, onça-pintada, paca, queixada, tatu.

Aves — garça e guará (freqüentam ao amanhecer as vasas junto às ilhas da foz do Oiapoque); inhambu; jacamim; jacu; japim; papagaio; periquito; mutum.

Répteis — jacaré; lagarto, camaleão-verde, jacuraru (amarelo e prêto), tracajá, cascavel, jararaca, jibóia, sucuriçu, surucucu.

Insetos — formiga-saúva, caranguejeira-negra.

Médio e Alto Oiapoque

Anfíbios — rã, sapo canuaru.

Peixes — acari, pacu (três variedades: vermelho, amarelo e branco), é o peixe mais abundante, atinge 2 palmos de comprimento; surubim; voador; traíra (pesando até 40 quilos); cará.

Mamíferos — anta, maracajá, onça, paca, caititu, veado, macaco-prego, guariba, queixada, cutia, capivara.

Aves — araçari, ararama, arara-vermelha, arara-azul, cujubim, inhambu-galinha, inhambu-relógio, japim, papagaio, (curita e "maria-anita"), periquito, tucano.

Répteis — camaleão, jacaré, sucuriçu, surucucu-de-fogo, tartaruga, tracajá.

Insetos — numerosas espécies de borboletas entre elas a maravilhosa “morfo” (asas de magnífico azul-metálico).

Nota — É interessante observar que a época da desova das fêmeas do camaleão, tracajá e tartaruga, está condicionada no Alto Oiapoque ao período de águas baixas do rio, quando afloram pequenas praias e depósitos arenosos em certas rochas.

Os ovos postos às dezenas, aliás de casca mole e que alcançam um volume de cêrca da têrça parte do ôvo de galinha, bem como os filhotes, são àvidamente procurados pelos indígenas, que os comem crus.

A ordem cronológica da desova é a seguinte:

- 1.º — Camaleão — outubro a novembro.
- 2.º — tracajá — novembro a dezembro.
- 3.º — tartaruga — dezembro.

ILHAS E ARQUIPÉLAGOS

A formação de ilhas no Alto e Médio Oiapoque está intimamente ligada à existência no leito do rio, de amplos afloramentos rochosos, especialmente sob a forma de travessões, que provocam poderosos desvios da água corrente, destacando em ilhas, trechos das margens, multiplicando as ilhas em arquipélagos, graças aos furos e breves, que os franceses denominam “bisturi”, na potamografia da Guiana.

Tudo isso também exige, entre outras condições, grande massa d’água, fator que ainda não se encontra relativamente no Alto Oiapoque Inferior e muito menos no Alto Oiapoque Superior, porquanto a contribuição dos afluentes que essas secções recebem, não excede de muito o volume das águas do maior tributário do Oiapoque — o Camopi, o qual vai engrossar consideravelmente o Médio Oiapoque, a par de outros afluentes notáveis, criando possibilidades para a formação de grandes ilhas e vastos arquipélagos.

As ilhas do Alto e Médio Oiapoque distinguem-se bem da maior parte das ilhas do Baixo Oiapoque.

Naquelas, durante a época de águas baixas do rio, umas se mostram barrancosas; outras com margens talhadas em falésia ou então rochosas e outras ainda oferecem pitorescas praias de areia ferruginosa e seixos miúdos de quartzo.

Por outro lado, o revestimento florístico dessas ilhas é normalmente tão portentoso, como aquêle que se ostenta nas margens vizinhas da terra firme.

Também não se nos deparam aquelas ilhas tipicamente fluviais, que se vêem no Baixo Oiapoque, as quais por sedimentação vão crescendo a jusante, à medida que a erosão desagrega a extremidade montante.

Ilhas, ou melhor, ilhotas há que se formam, por deposição de areias, lama e detritos orgânicos, sôbre anfractuosidades ou amontoados de fragmentos rochosos e onde a vegetação se fixa e se propaga.

Todavia, as ilhas predominantes no Alto e Médio Oiapoque são, em regra, resultantes da ação das águas correntes durante as cheias do rio, trabalhando outro trecho de curso, nôvo canal, a par do leito antigo, meandro ou não.

Observa-se que o concurso de nôvo ou novos canais não implica no esgotamento das águas do velho canal, porquanto a dureza das rochas do álveo não permite, nas passagens mais recentes, grandes aprofundamentos e conseqüentemente uma versatilidade de talvegues.

Tanto assim é que não só o rio Oiapoque é relativamente raso, como também não são grandes as diferenças de profundidade entre canais vizinhos.

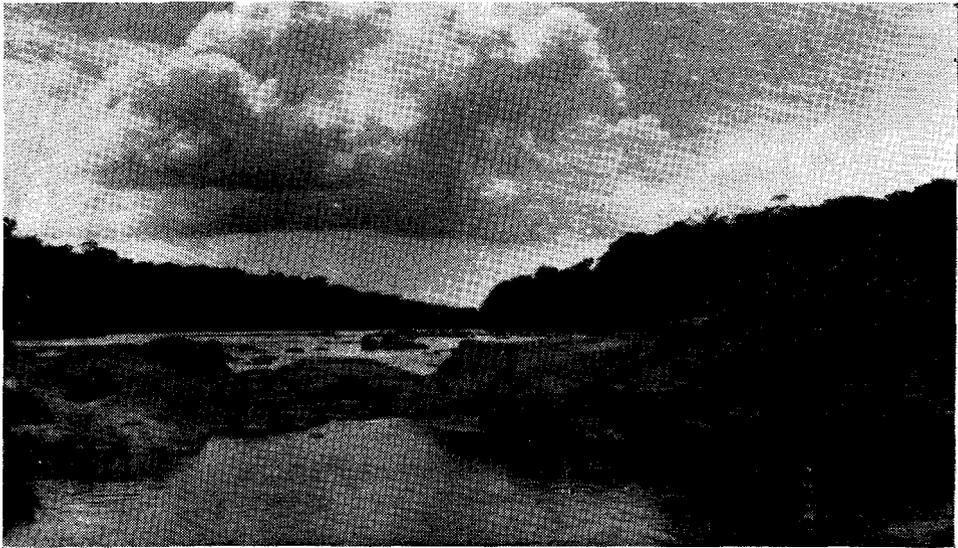


Foto 13 — Afloramentos bem expostos de gnaisse, no Médio Oiapoque, durante a fase de nível mais baixo do rio-limitroje (agosto-novembro). Exposições rochosas, comuns no Médio e Alto Oiapoque Inferior, dão lugar a numerosas cachoeiras e corredeiras, muitas das quais surgem ou desaparecem, de acôrdo com o nível das águas. (Foto Cel. Mello Moraes).

Daí a dificuldade do encontro de meandros abandonados, em que pêssem, por outro lado, freqüentes anomalias, em perfis transversais, bem como no talvegue, motivados pela diferenciação de resistência das rochas do leito ou cavidades provocadas pelo turbilhonamento de seixos miúdos e ocorrência de bancos de areia.

Alto Oiapoque Superior

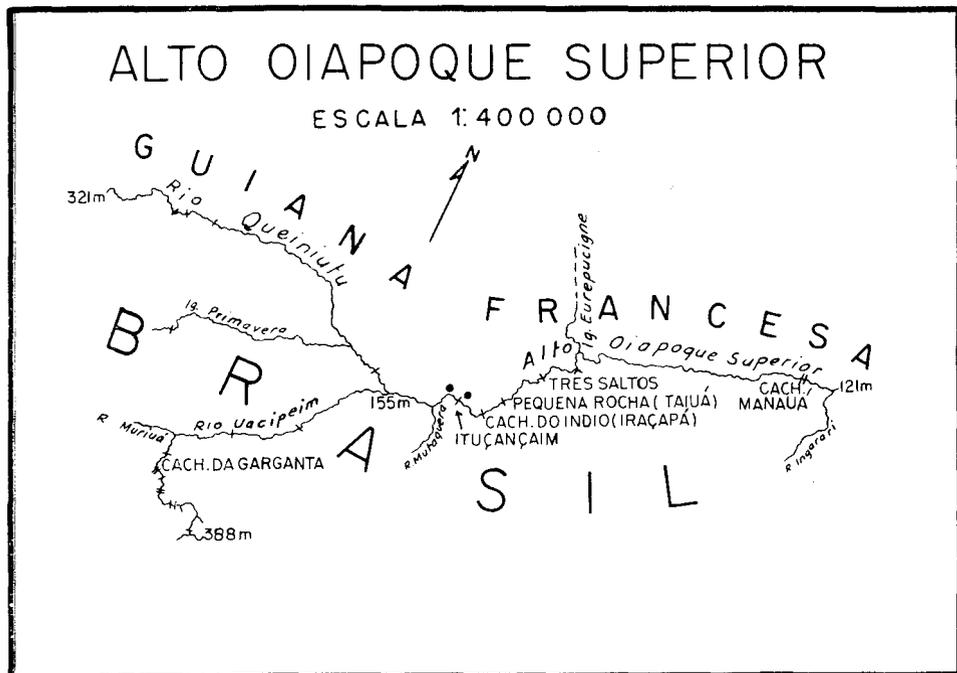
Esta seção, que fica compreendida entre a confluência dos formadores do rio Oiapoque e a barra do Ingarari, apresenta apenas duas pequenas ilhas, sem a menor expressão hidrográfica: uma, logo abaixo da cachoeira Três Saltos e outra junto à foz do Ingarari.

Da mencionada confluência até à cachoeira Ituçançaim, situada cêrca de 6 quilômetros a jusante da foz do Mutaquera, é o Oiapoque muito estreito, orlado de exuberante vegetação limnófila e até às corredeiras que precedem a referida cachoeira, troncos de árvores tom-

badas no rio, não o justificam como “rio das pedras”: é então o “rio dos paus”.

À guisa de arquipélagos se oferece a zona da cachoeira Ituçaçaim que constitui o primeiro degrau no leito cristalino do Oiapoque.

Aí os afloramentos rochosos e a ocorrência de diáclases vão provocar derivações da torrente e formar ilhotas. Entretanto, o talvegue passa junto à margem brasileira, não passando o grande braço do rio junto à Guiana Francesa, de um simples traço da anastomose do rio, formado por ocasião de águas altas.



Alto Oiapoque Inferior

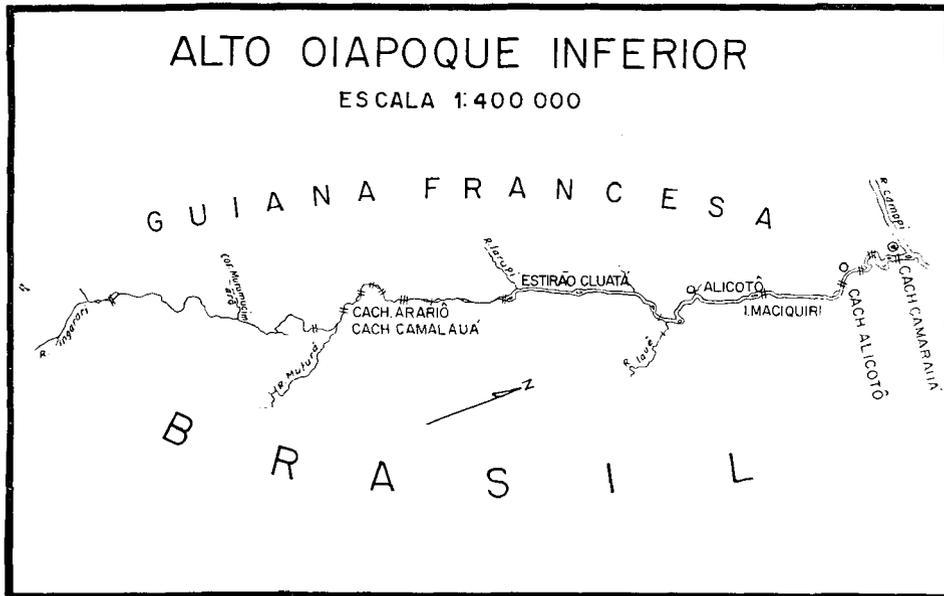
Entre as confluências dos rios Ingarari e Camopi desenvolve-se a mais longa secção do Oiapoque, a qual, contudo, não é a que oferece maior número de ilhas e arquipélagos.

Contam-se no alto Oiapoque cerca de 70 ilhas e ilhotas, algumas bem isoladas e outras reunidas em 7 arquipélagos.

O total de ilhas e ilhotas acima indicado, visa somente a dar uma idéia global, do vulto desses acidentes hidrográficos, revestindo-se de caráter aproximado, pois durante as secas rigorosas, alguns afloramentos rochosos se apresentarão como ilhotas, e por ocasião das cheias, muitos desaparecerão, e desvios da corrente em margens baixas poderão formar novas ilhas.

Das ilhas bem definidas uma das maiores denomina-se Maciquiri; de margens barrancosas, mede cerca de 1 100 metros de comprimento, ficando perto de 14 quilômetros a jusante da foz do Iauê, entre as duas malocas dos índios Oiampi do Alto Oiapoque Inferior.

Os afloramentos rochosos entre as extremidades dessa ilha e a margem brasileira determinam que a linha de maior correnteza e a navegação em águas baixas, se encontrem do lado da Guiana Francesa.



A primeira ilha a jusante da foz do Ingarari cuja extremidade montante se presta a acampamento, foi destacada da margem brasileira, e o canal aberto contrasta com o do talvegue no braço oposto, que se apresenta rochoso, tanto na margem da Guiana, quanto na ilha. Notam-se diáclases de direção N-S, coincidindo com a direção do trecho final do Ingarari.

Entre a foz do Maturá e o *crique* Murumucim-arô, depara-se-nos uma ilha de cerca de 300 metros de extensão, cujo canal primitivo também do lado da Guiana, oferece grandes exposições rochosas, obrigando a navegação pelo canal oposto, durante as águas baixas.

Caberia a esta ilha o nome de "ilha dos morcegos", pois foi o único acampamento infestado dêsse quiróptero, possivelmente de uma espécie hematófaga, dada a insistência com que à noite, investia contra o nosso mosquito.

Entre a ilha e a margem francesa há uma curiosa pequena árvore, imitando a configuração de um boneco-espantalho.

Descendo o Oiapoque a partir desta ilha, observa-se que as margens do rio se apresentam baixas e com vegetação de pequeno porte, e quanto a êste último aspecto, notoriamente a partir de jusante da cachoeira Camalauá, havendo até margens revestidas de aninga.

A ilha que precede a foz do Maturá expõe em sua extremidade montante um escudo rochoso e na entrada do canal, bem como neste, situado no lado da Guiana Francesa, surgem afloramentos graníticos, que vão ditar a passagem do talvegue no braço do rio possivelmente menos antigo, junto ao Brasil.

O trecho mais rico de ilhas do Alto Oiapoque fica compreendido entre as confluências dos rios Maturá e Iarupi. É caracterizado pelo despontamento de numerosas rochas, que atingem maior expressão nas cachoeiras Arariô e Acô ou “Mata-Índio”. Praticamente na parte central desse trecho se encontra uma ilha bem comprida (1 100 metros) que oferece a curiosa configuração de uma bota.

Logo a jusante dessa ilha aparece uma bem menor que merece registro, porquanto ocorre um fato interessante: parte das águas que correm junto à extremidade montante da referida ilha, após penetrar cerca de 20 metros no canal oposto ao talvegue, volta contornando a ponta mencionada, em demanda do talvegue.



Foto 14 — Transposição da cachoeira Acaraïou ou Uacaretô, no Médio Oiapoque, 5 km a montante da foz do aurífero “Siquini”. Notem-se as canoas vazias e o trabalho da transposição: uma das canoas empurradas pelos homens dentro d’água e a outra, mais em baixo, sendo preparada para o arrasto, mediante cabo de proa. (Foto Cel. Mello Moraes).

Sucede a meio caminho desta ilha e a cachoeira Acô a pitoresca “Paantaperê” — ilha da maloca antiga — protegida a montante por magníficas exposições de granito, formando recantos aprazíveis: canais de areia e rocha e praia no verão.

A maior ilha do Alto Oiapoque encontra-se num dos mais notáveis trechos retilíneos do Oiapoque, que demora entre as confluências dos rios Iarupi e Yauê, contendo o estirão Cluatá.

Trata-se de uma alongada ilha, com 1 400 metros de comprimento, situada a 6 quilômetros a jusante da foz do Iarupi e que lembra a configuração da ilha do Bicho, por sua vez a maior ilha do rio Oiapoque.

Os arquipélagos do Alto Oiapoque não têm a magnitude dos que se encontram no curso médio, mas dois deles são bem interessantes, pois encerram magníficas expressões do álveo de gnaiss, despontando e formando a 2 quilômetros a montante da foz do Iarupi, a cachoeira Acô ou "Mata-Índio" e a cachoeira Camarauá, cêrca de 5 quilômetros a montante da foz do Camopi.

Contam que o cognome "Mata-Índio" provém do fato de terem perecido na cachoeira Acô, numerosos índios Oiampi embriagados, que superlotavam uma ubá.

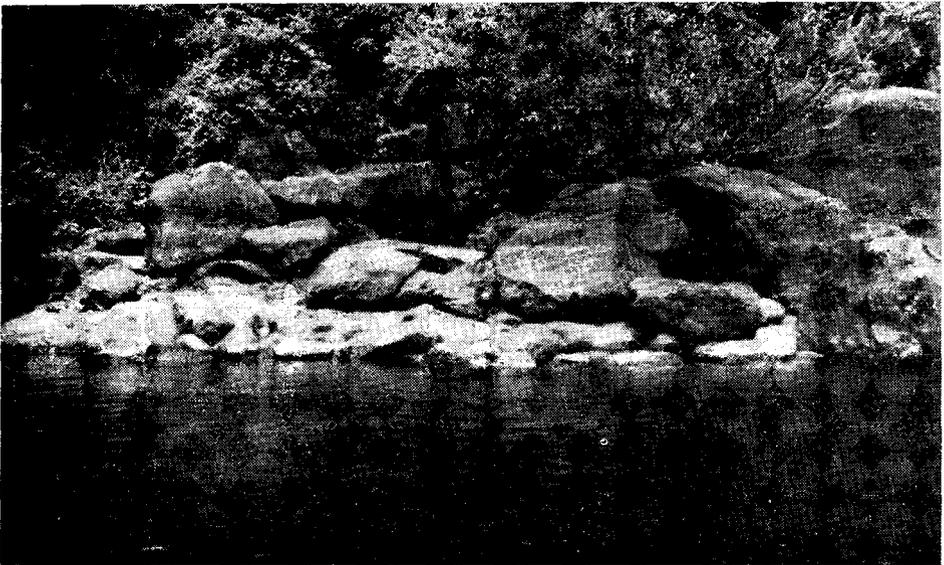


Foto 15 — Exposição de hornblenda granítico na margem guianense do tradicional estirão São Paulo. Observem-se as listas nas rochas, assinalando diferentes níveis de estabilização das águas do rio. (Foto Cel. Mello Moraes)

A propósito: assistimos, numa maloca de índios Oiampi, ao início de uma "festa", que iria ser regada, até o completo esgotamento de uma ubá, quase transbordando de "caxiri" (cachaça roxa produzida pela fermentação do suco de cará).

Afiguram-se-nos a cachoeira Camarauá e respectivo arquipélago, os acidentes mais notáveis do Alto Oiapoque Inferior, da mesma forma que a cachoeira dos Três Saltos é o mais importante acidente do Alto Oiapoque Superior.

A zona do Camarauá é bem uma síntese do Oiapoque das ilhas, ilhotas, rochedos, travessões, canais e corredeiras.

Há no mais conspícuo afloramento de gnaiss, que só enchentes excepcionais conseguem encobrir, duas raquíticas árvores frutíferas: um cajueiro e uma mangueira, vingados num irrisório depósito de areia.

Entretanto, o que sobreleva notar nesse magnífico saliente de rochas, são as clássicas dobras gnáissicas e as caneluras pré-históricas, produzidas pelo afiamento de machados de pedra, marcas que também observamos no granito junto à margem direita do Oiapoque, em Boa Esperança do Camopi e em Maripá, próximo da Grande Rocha.

É no Alto Oiapoque Inferior que vamos encontrar um exemplo eloqüente da função dos despontamentos rochosos, na determinação da maior correnteza do rio e na constituição do canal principal de navegação.

Trata-se da ilha Coempong ou Coempoã, situada aproximadamente a 2,5 quilômetros a montante da foz do Iauê.

Um travessão de gnaïsse, entre a margem da Guiana Francesa e a extremidade a montante da ilha, ergue-se como verdadeira barragem, durante o regime de águas baixas do rio, acarretando então a correnteza e a navegabilidade exclusivamente no canal oposto.

Durante o inverno, quando o nível das águas se levanta em média de 3 metros, desaparece o travessão rochoso e o lugar se transforma numa cachoeira.

Médio Oiapoque

Entre a foz do Camopi e a Grande Rocha, o Oiapoque desdobra-se mais volumoso, ladeado de margens mais altas, enameado de ilhas e formidáveis arquipélagos, por excelência rochosos.

A notável contribuição ao volume d'água que lhe traz o Camopi, bem como outros rios menores de jusante, entre os quais avulta o Anotaie, seu maior afluente da margem direita, pouco se traduz em aprofundamento do leito, pois à erosão do álveo se opõe a dureza das rochas do complexo cristalino.

Antes de tudo importa em espraiamento do rio e conseqüentemente na ampliação das ilhas, e, outras vèzes, como resultante da disposição caprichosa dos afloramentos rochosos que se antepõem às águas correntes, vai implicar também na formação de um verdadeiro dédalo de ilhas, rochedos e canais.

Por isso constitui-se o Médio Oiapoque na secção de maior número de ilhas e ilhotas que podem ser fixadas em 150, expressão que colima dar apenas uma idéia de grandeza, pois está sujeita às mesmas restrições, que fizemos a respeito da quantidade alusiva ao Alto Oiapoque.

A maior ilha, aliás uma das maiores do rio Oiapoque, faz parte de um arquipélago, situado entre as confluências dos rios Muchiri e Matabô.

É a ilha Iacarecim, medindo perto de 2 400 metros de extensão por 600 de largura máxima.

A influência decisiva da ocorrência de rochas entre a extremidade a montante da ilha e a Guiana, determina a passagem do talvegue junto à margem brasileira.

Esta ilha barrancosa em sua extremidade a jusante, oferece a montante pitoresco acidentado de rochas, praia e seixos miúdos.

O que mais particulariza o Médio Oiapoque é, sem contestação, a magnitude dos seus arquipélagos, os quais atingem as maiores proporções, entre as confluências dos rios Matabô e Cricu e nos grandes espriamentos do rio, logo a montante da Grande Rocha.



Foto 16 — Aspecto parcial da Grande Rocha, notável acidente no Oiapoque, pois define duas secções bem caracterizadas do rio limítrofe: Baixo e Médio Oiapoque, conforme o autor salienta no texto. (Foto Cel. Mello Moraes)

Em frente do Matabô, alarga-se o Oiapoque de perto de 700 metros, quando as suas águas esbarram com os primeiros travessões de granito, surgindo as primeiras corredeiras e dando início ao mais notável arquipélago do rio limítrofe.

Para jusante, a corrente mais volumosa mantém-se próxima da margem brasileira, assinalando um talvegue torrencioso, através de granitos, gnaisses e diques de eruptivas básicas, ao passo que no lado oposto e na parte central do rio, águas serenas rendilham um aglomerado de ilhas e ilhotas.

Salienta-se também êsse trecho do Médio Oiapoque pelo seu alargamento, excedendo até 1 700 metros, pouco a jusante da foz do Matabô, para estreitar-se em 150, após o arquipélago, aos 900 a montante da confluência do Cricu.

Por outro lado, corredeiras impetuosas definem esta interessante porção do Oiapoque, sob o nome de cachoeiras Fourmi-Oiapoque, Caxiri e Papacoará.

Outra magnífica expressão do Médio Oiapoque, em matéria de travessões e afloramentos rochosos, condicionando o alargamento do rio, é a formação de numerosas ilhas, ilhotas e corredeiras, encontra-se logo

a montante da Grande Rocha que assinala a separação dos “dois rios Oiapoque” — a montante: despovoado, mal freqüentado de canoas, pedregoso, intercalado de rápidos, cachoeiras e ilhas florestadas; a jusante: um traço de união com o mundo civilizado, núcleos bem habitados em ambas as margens; sem o aspecto de “rio de pedras”; com o nível das águas oscilando sob o efeito da maré e com ilhas alagadiças, de monótono revestimento florístico.

Define-se o acidentado trecho final do Baixo Oiapoque, a montante pela cachoeira Anauá, na parte central pelo grupo de ilhas, em que avulta a de Maçacaitã ou Uaçaicatã e a jusante pelo acentuado desnível rochoso da Grande Rocha, cujo aproveitamento hidrelétrico, já foi estudado por técnicos do governo francês, mediante a construção de uma barragem de 700 metros de comprimento, por 10 de altura, entre Maripá e a margem brasileira, assentando-se em plena rocha.

Tal reprêsa permitiria um potencial estimado no mínimo em 50 000 kW.

Assim como acontece com a cachoeira dos Três Saltos e a cachoeira Tauíá (Pequena Rocha), a Grande Rocha apresenta sério empecilho à navegação, da mesma forma obrigando o descarregamento de canoas.

Na margem brasileira há um caminho de cerca de 600 metros de extensão que permite contornar o obstáculo e por onde é transportada a carga e vão os passageiros aguardar mais acima, as canoas, que com o mínimo de homens da tripulação, remontam o rio, com certa dificuldade, por uma passagem junto à Guiana.

O problema do contôrno da Grande Rocha por parte de passageiros e carga é muito facilitado naquela colônia francesa, em virtude da existência de um caminho de ferro, que vai da margem do Oiapoque, próxima da ilha do Forte, ao antigo pôsto de Maripá.

Baixo Oiapoque

Constitui esta secção, o remate transfigurado do Oiapoque, após 4/5 da extensão do seu percurso.

Medeando entre o ressalto da Grande Rocha, situado a cerca de 2 quilômetros a montante de Clevelândia do Norte e a baía do Oiapoque já não vemos mais aquilo que tanto impressiona no Médio e principalmente no Alto Oiapoque: a solidão das paisagens em que o homem aparece como um ser estranho e em que o rio tem sempre em si, nas margens ou nos acidentes do leito, algo de selvagem.

Encontram-se no Baixo Oiapoque 32 ilhas e ilhotas, sem levar em consideração o pictórico acidente de uns rochedos (entre os quais se erguem quatro curiosas palmeiras: três açais e um buriti), junto da margem da Guiana e a 200 metros a montante da ilhota ao sul da ilha Mathieu.

Sob o aspecto de arquipélago, apenas se depara o agrupamento de 12 ilhas e ilhotas, das imediações da foz do Taparabô, fronteiro ao povoado de São Luís, na Guiana Francesa.

Anotemos agora algumas observações sôbre as ilhas do Baixo Oiapoque, de montante para jusante:

1 Aproximadamente entre Clevelândia do Norte e a Grande Rocha, onde o rio Oiapoque tem 750 metros de largura, acha-se a 250 metros da margem da Guiana, uma pequena ilha, coberta de mato, com perto de 200 metros de comprimento por 50 de largura.

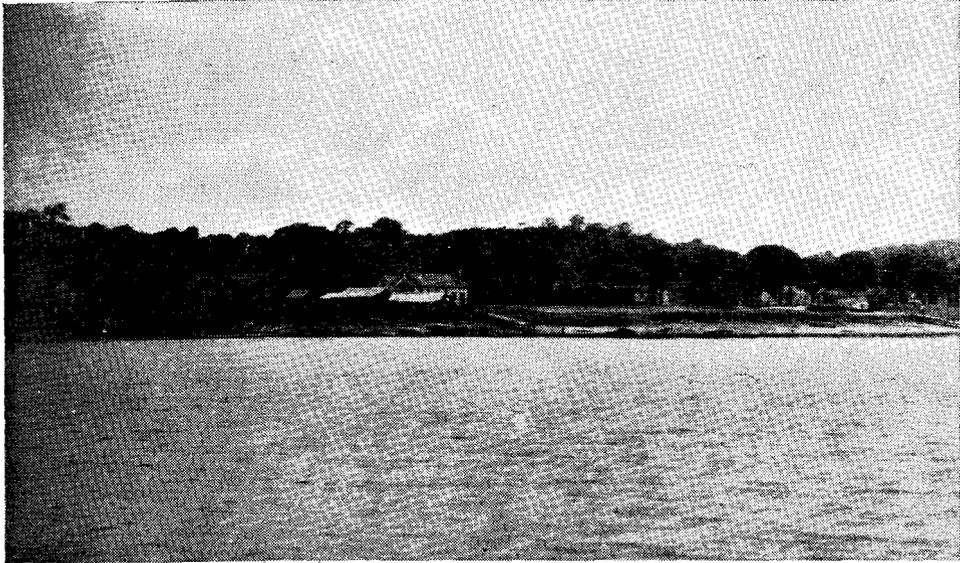


Foto 17 — Clevelândia do Norte, antiga sede da malograda "Colônia Agrícola Cleveland", hoje aquartelamento da dinâmica 1.ª Companhia do III Batalhão de Fronteiras, significando a presença mais setentrional do Exército, no território nacional. (Foto Cel. Mello Moraes)

O talvez encontra-se entre esta ilha, e a margem brasileira, aliás em consonância com a direção do maior volume d'água, que descamba dos canais da Grande Rocha.

No meio da ilha, que supomos ter sido destacada da margem guianense, há um pequeno saliente do terreno, onde se vêem as ruínas de um reduto circular, com cerca de 5 metros de diâmetro, construído em alicerces de pedras, parapeitos de tijolo, já em parte suspensos, tal como restos de vigamento, por árvores que surgiram no lugar.

Por isso é a ilha em consideração, conhecida por "ilha do Forte". (Cafesoca, de BOANERGES DE SOUSA).

2 — Ao banhar Clevelândia do Norte, estreita-se o Oiapoque em 625 metros, para se dilatar até 1 100, pouco antes de receber as águas do rio Pantanari.

Ocorrem então três ilhas: uma de 300 metros de comprimento por 100 de largura, junto à Guiana; outra na parte central do rio, com cerca de 800 metros de comprimento por 276 de largura máxima e finalmente a última, defrontando a foz do Pantanari, da qual dista 150

metros e com as dimensões aproximadas de 900 metros de comprimento por 360 de largura máxima.

Entre esta ilha e a ilha do centro passa o talvegue.

A ilha que defronta o Pantanari é conhecida por "ilha Barbosa", nome tomado de um velho morador, agricultor, chamado TORQUATO BARBOSA, que nela reside com senhora e filho.

A ponta a montante desta ilha é revestida de vegetação típica de margens baixas, sujeita à alagação da maré: jaranduba, seguindo-se açaiçal e buritizal mais para jusante, notando-se margens mais altas frente ao Pantanari.

A ilha mais central denomina-se *Marécage*, mas é conhecida por "Ilha francesa", em Clevelândia. Possui poucas árvores; predomina o buriti e é delimitada por margens baixas, cobertas de jaranduba, que atingem até 5 metros de altura, devendo ficar praticamente submersa durante o inverno ou durante as grandes enchentes.

3 — Alongando-se bem próxima da margem da Guiana, de que se afasta de 90 a 150 metros, no trecho compreendido entre o Pantanari e a cidade do Oiapoque, onde o rio homônimo se alarga além de 1 000 metros, distingue-se a ilha Sofia. É uma ilha baixa, cuja importância reside apenas em suas dimensões apreciáveis (1 800 x 500 metros aproximadamente), porquanto o canal que a separa da terra firme mais vizinha é inferior a 2 metros de profundidade e não exerce nenhuma influência na navegação.

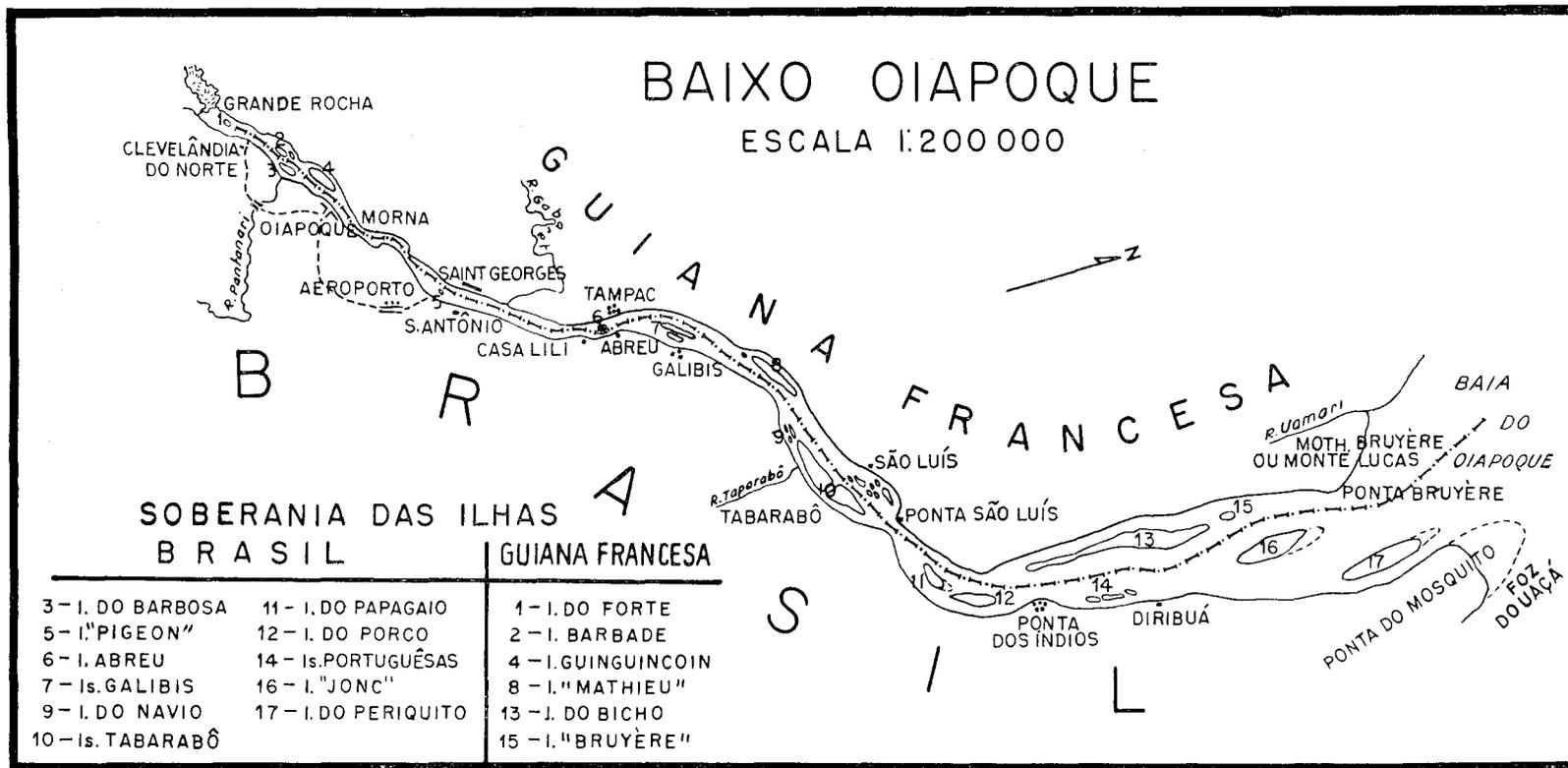
4 — Entre as cidades de Oiapoque e Saint Georges, estreita-se muito o rio Oiapoque, a ponto de reduzir-se a perto de 200 metros de largura, no lugar denominado Morna, assinalado pela ocorrência de dique de diabásio, cujos afloramentos, a par da maior correnteza, tornam êsse trecho muito respeitado entre os canoieiros, mormente nas enchentes.

A designação de Morna deve ser uma corruptela de *morne* termo usado na Guiana, para definir uma pequena elevação ou outeirinho, acidente que realmente se depara no referido ponto, aliás em ambas as margens do rio.

Ao atingir Saint Georges quando o Oiapoque se alarga perto de 700 metros, confrontando com o hospital daquela localidade, aparece no meio do rio uma ilhota, com a denominação francesa de *Pigeon* ("ilha do Pombo").

Esta pequena ilha (100 x 30 metros aproximadamente) está muito afastada do talvegue que se acha bem junto da margem esquerda do rio, por sinal mais alta e com mata, ao contrário da margem oposta muito baixa, com aningas e buritis.

A extremidade montante da ilha do Pombo apresenta-se desbarancada, expondo na maré baixa, alguns matacões que permitem inferir ter sido a ilhota, formada por sedimentação em afloramentos rochosos, hipótese que encontra apoio no aspecto a jusante, onde aningas e gramíneas vão aos poucos fixando a vasa.



Parca vegetação limnófila reveste a minúscula ilha, em que se vêem alguns açáis e um exemplar de buriti.

5 — A cêrca de 4,5 quilômetros a jusante da foz do *crique* Gabaret surge outra ilhota análoga à do Pombo: também fica aproximadamente no meio do rio, largo de 600 metros e edificada sôbre matações de granito que desaparecem com a preamar. Trata-se da “ilha Abreu”, situada no trecho compreendido a montante pela “Casa Lili” e a jusante, também na margem brasileira por outro ponto habitado, chamado Abreu, que defronta o povoado guianense crioulo de Tampac, famoso pelos seus canoeiros, fabricantes de ubás, remos e chapéus de palha “caturi” e “panacu”.

Quanto ao talvegue sucede o contrário do que ocorre com a “ilha Pigeon”, desta vez aproxima-se da margem brasileira.

Segundo a secção transversal à ilha Abreu a margem esquerda do Oiapoque apresenta-se baixa, porém sem aningas, ao passo que a margem direita, também baixa é revestida de aningas e açáis. Observamos aí um buritizeiro já com 3 metros de altura, nascido na vasa, tal como verificamos em outros pontos marginais, quer quanto a esta palmeira, quanto em relação a açái.

Matações de granito formam o contôrno da ilhota, constituindo a jaranduba, a vegetação baixa circundante e coroando a vegetação alta salientam-se as palmeiras açáis na extremidade montante e buritis a jusante.

6 — É interessante notar que entre a cidade de Oiapoque e a ilha Abreu, numa extensão de cêrca de 15 quilômetros pouco ultrapassa o Oiapoque, em alguns trechos, a largura de 600 metros, oferecendo as margens algumas elevações: Morna, Santo Antônio, Casa Lili e Abreu; só se verificando os dois minúsculos acidentes já citados e por outro lado demonstrando a correlação existente entre a ocorrência de ilhas apreciáveis e maior alargamento do rio.

Tanto assim é que a partir de jusante de Tampac passa o Oiapoque a alargar-se gradativamente (abstração feita do estreito entre Taparabô e Ponta dos Índios) a ponto de atingir na foz, mais de 5 000 metros de espaçamento, acusando êsse trecho final, 2/3 de tôdas as ilhas do Baixo Oiapoque.

Aproximadamente a 2 quilômetros a jusante de Tampac, amplia-se o Oiapoque para perto de 1 500 metros de largura, aparecendo duas ilhas que por defrontarem o aldeamento de índios Galibi, na margem brasileira, tomam o nome de ilhas Galibis.

Essas ilhas, embora baixas, alagadiças, são cobertas de mata de altura mediana, algo espessa, com poucas palmeiras buritis e muitas açáis.

A maior ilha (1 800 x 300 metros aproximadamente) está mais próxima da margem da Guiana, junto da qual passa o talvegue e a 850 metros da sua extremidade montante, encontram-se no meio do rio, afloramentos graníticos, dos quais o mais volumoso se chama “Pão de Açúcar”.

Na menor ilha (800 x 150 metros aproximadamente) em cuja extremidade jusante aparecem taboca e buriti, ao passo que na ponta correspondente da ilha maior vê-se apenas açai, reside um casal de crioulos guianenses, cuja habitação à guisa de palafita, voltada para o Brasil, demonstra ser a ilha inundável com as enchentes do rio.



Foto 18 — Estilo interessante da palafita de um casal de crioulos guianenses, numa das duas ilhas brasileiras Galibis, do Baixo Oiapoque, confrontando com o aldeamento dessa tribo já assimilada à civilização. (Foto Cel. Mello Moraes)

7 — Perto de 2 quilômetros a jusante das ilhas Galibis, no início de uma curvatura do rio na direção NE, salienta-se junto da margem da Guiana a comprida ilha Mathieu, com mais de 2 500 metros de comprimento, por 400 aproximadamente de largura, notando-se logo a montante da mesma uma ilhota e os rochedos pictóricos a que fizemos alusão no intróito do Baixo Oiapoque.

Também junto e logo a jusante da ilha Mathieu depara-se um baixio formando outra ilhota.

Todos os acidentes em consideração ficam entre o talvegue e a margem esquerda do rio Oiapoque.

8 — A jusante da ilha Mathieu, segue-se um trecho do Oiapoque na direção SW-NE, com 7 quilômetros de extensão, que chega a ampliar-se até cêrca de 2 300 metros, contendo o maior agrupamento de ilhas e ilhotas do Baixo Oiapoque.

Geograficamente cabe a êste arquipélago, o nome de Taparabô, em virtude de serem denominadas “ilhas Taparabô”, as duas maiores e importantes componentes.

Entretanto, como o talvegue separa o grupo formado dessas duas últimas ilhas e três ilhotas a montante, de um outro grupo constituído de sete ilhas e ilhotas, que se aproximam do povoado de São Luís, na

Guiana, pode-se admitir uma discriminação de caráter local, regional, isto é, dois pequenos arquipélagos: Taparabô e São Luís.

A maior ilha Taparabô defronta a confluência do rio do mesmo nome; mede 2 500 metros de extensão, por 750 aproximadamente de largura máxima.



Foto 19 — Furo entre as duas maiores ilhas brasileiras do arquipélago Taparabô. Note-se, no horizonte, um trecho do território da Guiana Francesa. (Foto Cel. Mello Moraes).

Como tôdas as ilhas do Baixo-Oiapoque é baixa, porém habitável, tanto que notamos na margem que defronta o Brasil, onde se erguem umas 10 palmeiras reais, quatro famílias de moradores, que se dedicam não só à pesca, como à roça, para isso abrindo áreas no tabocal, já se vendo muitas bananeiras.

No revestimento florístico observam-se muitas árvores, porém poucas de grande porte, mas a vegetação característica compõe-se de açáis, aliás predominantes, de buritis e tabocas.

Separada por um furo de 100 metros aproximadamente, de largura da ilha precedente, aparece outra ilha mais curta porém mais larga (1 700 m 800 metros aproximadamente) com revestimento florístico, que reproduz, em parte, a vegetação da margem brasileira: variedade de árvores, tabocal, açáis, buritis, inajás, imbaúbas e maricazeiros.

A montante da principal ilha Taparabô encontra-se uma ilha menor (600 x 200 metros aproximadamente), denominada “ilha do Navio”, devido sugerir a configuração de uma embarcação. É uma ilha baixa, contendo árvores de certo porte na parte central, havendo mais açáis do que buritis. Na extremidade a jusante da mesma aparece tabocal e duas minguadas palmeiras açáis; na ponta montante aparece exclusivamente tabocal.

9 — Dilatado na zona do arquipélago Taparabô, o Oiapoque depois se estrangula de mais de 2 000 metros para 500, numa passagem em

que retoma a direção geral de seu curso (SSW-NNE) e vai ganhar a amplitude necessária à formação das suas maiores ilhas e submeter-se mais decisivamente aos efeitos da maré.

Antes de alcançar a Ponta dos Índios o Oiapoque descreve uma curva onde aparecem à direita do talvegue duas ilhas: “a ilha do Papagaio” e a “ilha do Porco”.

A “ilha do Papagaio” (1 000 x 300 metros aproximadamente) apresenta-se com buritis na ponta a montante e aningas a jusante, onde é mais larga, acusando aí deposição de vasa e portanto um processo de crescimento. Tal como na “ilha do Porco” que jaz a jusante, as tabocas orlam a margem voltada para o talvegue e arvoredado alto, com alguns buritis, levanta-se no centro.

A “ilha do Porco” (2 000 x 500 metros aproximadamente) é revestida de aningas na extremidade montante, indicando a presença de vasa, o que nos leva a conjecturar, em virtude do que se processa na extremidade jusante da “ilha do Papagaio”, a junção futura das duas ilhas.

Algumas árvores altas, esparsas e poucos buritis se vêem no centro da “ilha do Porco”, sendo a vegetação caracterizada pelo tabocal que orla a margem do talvegue.

A margem esquerda do Oiapoque, que defronta essas ilhas se caracteriza por extensa ocorrência de taboca, denunciando ser muito baixa, comprovando-o as aningas, as açais e os raros buritis.

10 — Ao alcançar a Ponta dos Índios que assinala o derradeiro local com terreno marginal relativamente elevado, na borda brasileira, depara-se a extremidade montante da “ilha do Bicho”, a maior ilha do Oiapoque, com cerca de 8 500 metros de comprimento por 800 de largura.

É uma ilha de aspecto geométrico muito característico, porquanto contrasta o afilamento da metade de montante com o alargamento da outra metade de jusante.

Esta ilha, mais próxima da Guiana, fica a oeste do talvegue, vizinho da Ponta dos Índios, que confronta a extremidade montante da mesma, onde aparece um buriti.

Quanto à vegetação possui algumas árvores altas, com muitas açais na parte a montante, desaparecendo a jusante, sendo dominantes os tabocais.

Por outro lado apresenta largos trechos alagadiços, com águas estagnadas e infestados de mosquitos.

11 — Próximo da margem brasileira, a cerca de 2 quilômetros a jusante da Ponta dos Índios, quando o Oiapoque já excede bem de 3 quilômetros de largura, aparece um grupo de três pequenas ilhas, enfileiradas, separadas, por furos e que são conhecidas por “Ilhas Portugêsas”.

Em nossa viagem de estudos desde os formadores do Oiapoque, até a foz do Uaçá (rio sujeito ao fenômeno da pororoca), passamos entre essas ilhas e a margem brasileira, verificando que a passagem de montante fica impraticável, no mínimo da vazante, devido à presença de baixios (vasa).

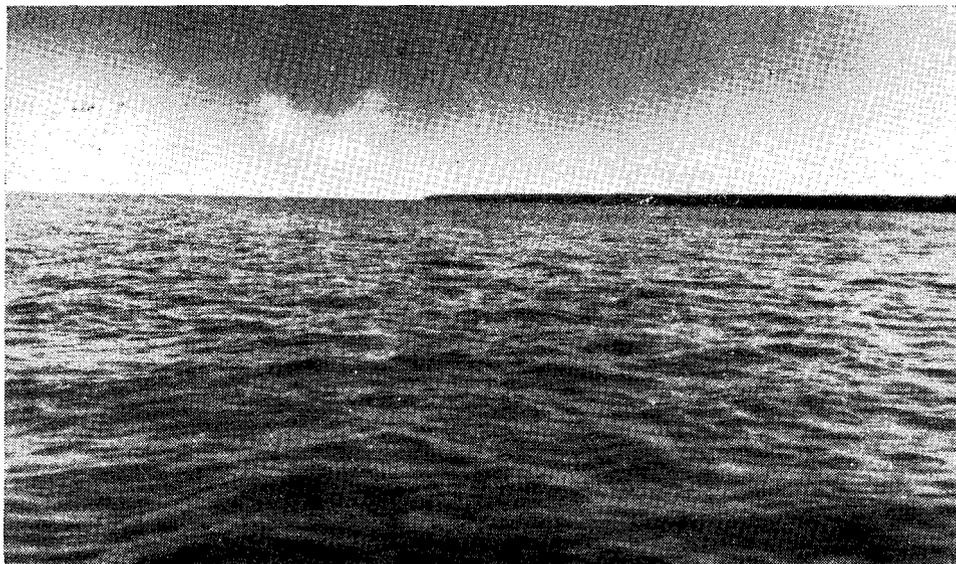


Foto 20 — Aspecto parcial da baía do Oiapoque, tomado da foz do rio Uaçá, em direção ao oceano. Aparece no horizonte, à direita, o famoso cabo Orange, cujo realce acima do nível do mar, é devido ao revestimento das vasa, por extenso siriúba. (Foto Cel. Mello Moraes)

A vegetação predominante dessas ilhas é a siriúba, notando-se que a ilha mais a montante possui alguns açais. A ilha do meio é a maior de tôdas (1 000 x 200 metros aproximadamente), conta com algumas árvores altas, açais e buritis em crescimento, já que os velhos espécimes foram há tempos derrubados para mastro de embarcações.

Finalmente, a ilha a jusante do grupo, não possui açais, sendo revestida de siriúba.

Assinalam estas ilhas do Oiapoque o fim da vegetação insular das palmeiras buritis e açais e o começo da vegetação monótona de siriúba.

12 — Antes de atingir a baía do Oiapoque, onde não se encontra nenhuma ilha, alcança o rio considerável largura, isto é, cerca de 4 000 metros, encontrando-se as suas últimas três ilhas: uma de pequenas dimensões (500 x 300 metros aproximadamente) próxima da Guiana e logo a jusante da ilha do Bicho; a ilha “Jonc” ou “Bruyère” a que já nos referimos na parte geológica (baía do Oiapoque), entre a qual e a ilha anteriormente citada se encontra o talvegue e finalmente, ao lado da ponta Mosquito, a ilha do Periquito que representa a segunda em comprimento (4 000 x 600 metros aproximadamente) do rio Oiapoque.

Estas duas últimas ilhas que continuam crescendo em direção a noroeste, por deposição de vasa, são revestidas unicamente de uma vegetação alta: siriúba.

13 — Importa salientar, ao concluir êsses aspectos sumários das ilhas do Baixo Oiapoque, que o talvegue está longe de coincidir com os canais marginais, isto é, aquêles que se desenvolvem entre a margem do rio e ilhas que lhe ficam muito próximas, porquanto aquela linha que reúne os pontos de maior profundidade, se apresenta onde há maior volume d'água e maior correnteza, justamente condições contrárias às que se verificam naqueles canais: praticamente rasos e de águas mortas.

Haja vista os canais marginais junto às ilhas Sofia, Mathieu, Navio, Papagaio, Porco, Bicho, Portuguêsas e Periquito, que constituem exemplos bem significativos.

CONDIÇÕES GERAIS DE NAVEGABILIDADE

Baixo Oiapoque — Sem os percalços da navegação pelo Médio e Alto Oiapoque, aliás nessas secções só é possível a ubá ou pequena canoa, movida a remo, varejão, com ou sem motor de pôpa — o Baixo Oiapoque é navegável até Clevelândia do Norte, distando 60 quilômetros da foz; por embarcações que deslocam dezenas de toneladas, as quais freqüentam o rio, entre Belém e Clevelândia do Norte, bem como entre Caiena e St. Georges.

Todavia essa navegação pelo Baixo Oiapoque não é irrestritamente franca, pois exige conhecimento prático do rio, porquanto tem que obedecer aproximadamente à linha do “talvegue”, com uma outra variante, bem como atender nos perigosos abrolhos, entre as ilhas Galibis e Abreu, como na zona da Morna, a qual nas grandes enchentes de inverno, muitos práticos não ousam remontar.

Por outro lado, haja vista os baixios do rio e as condições da maré que não podem ser ignorados pelos práticos das canoas.

Ao longo do Baixo Oiapoque alguns pontos são dotados de cais ou pontes elevadas para atracação, em nível alto das águas: Ponta dos Índios, Abreu, Casa Lili, Saint Georges, Oiapoque e Clevelândia do Norte.

Neste pôrto existe uma magnífica ponte com cêrca de 40 metros de comprimento por 4 de largura, levantada sôbre quatro lances duplos de pilares de concreto, em cuja extremidade foi erguido um marco de alvenaria, tronco de pirâmide regular, com dimensões aproximadas de 1,10 metros de altura, 1,00 e 0,40 respectivamente de base inferior e superior.

Neste marco está afixada uma placa de mármore, contendo os seguintes dizeres:

“CLEVELÂNDIA OFERECE
À COMISSÃO DE
FRONTEIRAS RONDON
22-6-27 a 21-7-27”

Médio e Alto Oiapoque — “Cesse tudo o que a antiga Musa canta que outro valor mais alto se alevanta”. CAMÕES.

O civilizado aprendeu com o índio, que só por meio de embarcação maneira — a ubá, é possível navegar pelos rios encachoeirados.

Todavia, introduziu-lhe alguns aperfeiçoamentos: ampliou-a um pouco; dotou-a de cabo de proa; muniu-se de varejões e principalmente deu-lhe velocidade, adicionando-lhe um motor de pópa, que vale por dezenas de remos.

Só assim é possível arrostar com os perigos e trabalhos nas cachoeiras e nos rápidos; infiltrar-se por entre estreitas passagens e navegar por águas baixas.

A navegação pelo Médio e Alto Oiapoque não se resume, como no Baixo Oiapoque, na observância das horas da maré e no desviar dos baixios e das raríssimas pedras.

É que naqueles trechos o Oiapoque se transforma numa sucessão de cachoeiras ou rápidos, muitas vêzes acompanhada de uma profusão de canais, que só ao prático experimentado no rio é dado discernir o certo.

Por outro lado, cada cachoeira tem suas características, no verão e inverno, de modo que a maneira de vencer o obstáculo é ditada pelas circunstâncias do momento, quando a decisão tem que ser rápida e a execução resolvida e hábil.

Cachoeiras há que só permitem a passagem da canoa descarregada: Grande Rocha, Três Saltos e Taiuá (Pequena Rocha), mesmo assim através de passagens fora da maior correnteza e já conhecidas dos práticos.

Subindo o Oiapoque, após a cachoeira da Grande Rocha, segue-se um trecho muito acidentado que culmina nas impetuosas corredeiras Anauá.

Sucedem uma viagem tranqüila, até pouco a montante da confluência do Cricu, vindo então um trecho atribulado e que só a grande prática dos canoeiros vai orientando o trajeto labirintico e evitando as águas torrentosas do Fourmi-Oiapoque, Caxiri e Papacoará.

Atingida a foz do Matabô desenvolve-se um longo trecho do Oiapoque, sem obstáculos à navegação, exigindo apenas, como em todo o percurso do rio, a atenção do proeiro para desviar a canoa das pedras do leito. Ocorre nesse trecho a montante do “Cricu e Mouchiri”, o magnífico “Estirão São Paulo”, com 8 quilômetros de extensão, normalmente perlongado de matações angulosos e afloramentos rochosos de ambos os lados, bem como de margens barrancosas.

Ultrapassada a confluência do Anotaie, aparece em seguida o “Caminho do Inferno”, junto à margem da Guiana, o qual contudo pode ser desviado. Daí sucede longo percurso sem obstáculos de monta, até à foz do Camopi, porquanto a cachoeira Uauaru se apresenta como um rápido insignificante, e a cachoeira Caimã (entre o Marupi e o Sikini), — assim como as cachoeiras Acaraiu ou Uacaraiu e Camopiagu, não passam de pequenas corredeiras.

No Alto Oiapoque aponta-se uma série de cachoeiras, intervalando trechos de águas serenas, que exige na travessia, como sempre acon-

tece em acidentes de tal natureza no rio, cuidado e perícia dos canoeiros: Camarauá, Alicotô, Acô, Arariô (e 2.º arquipélago de jusante), trecho a montante da foz do Maturá, compreendendo a cachoeira Camalauá e Manauá.

Após a confluência do Eureupucigne ou Erepucim sobrevém o maior obstáculo do Alto Oiapoque: a cachoeira dos Três Saltos, que tal como a logo de montante (Taiuá) exige descarregamento de canoa.

A montante de Taiuá, surgem sucessivamente as cachoeiras Iracapá e Ituçançaim, das quais a primeira é a mais perigosa, pois tem sido teatro de alagamento de canoas carregadas.

Daí para a montante, o maior empecilho à navegação é constituído pelas árvores caídas no rio, exigindo muitas vêzes o emprêgo de machado ou serra, para a desobstrução da passagem.

TIPOS DE EMBARCAÇÃO

1 — O Baixo Oiapoque comporta a utilização de numerosos tipos de embarcação.

Na preamar é navegável por barcos que deslocam perto de 100 toneladas e embarcações denominadas canoas, embora movidas a vapor, atracam constantemente nos portos de Saint Georges e da cidade de Oiapoque, onde num dia vimos ao largo, quatro delas, ostentando os nomes de “Rainha de Maribatana”, “Nova Social”, “Sempre Feliz” e “Sorriso de Maria”.

Entretanto, são as pequenas embarcações, ubá a remo ou com motor de pôpa, que mais navegam pelo rio, constituindo o trecho entre Tampac e Clevelândia do Norte o mais freqüentado, pois nêle reside a maior concentração demográfica do Oiapoque.

A ubá, como meio de transporte individual, está para o morador ribeirinho, assim como o cavalo para o habitante da campanha gaúcha ou a bicicleta para a população catarinense de Joinville ou Blumenau.

Mas a ubá não é tão sômente, meio de transporte: representa também um instrumento de subsistência, uma necessidade vital.

Graças à ubá muitas vêzes transformada em habitação fluvial, é possível manter o curral de peixe; lançar a tarrafa; estender o espinhel, o trapo ou catueiro, enfim, pescar o pacu, o filhote, o curimatã, o surubim, a traíra, a piramutuba ou o dourado liso.

Num contraste chocante com a rústica ubá, aparecem em Saint-Georges, botes de borracha e de matéria plástica, rasgando céleres as águas do Baixo Oiapoque, impelidos por modernos motores “Hudson”.

2 — Para enfrentar o Médio ou o Alto Oiapoque só resta o recurso da ubá.

Mas que seja uma ubá resistente e bem acabada, como soem fabricar os crioulos de Tampac, porquanto as batidas e arrastões nas pedras são inevitáveis.

Dotada de motor de pôpa e munida de varejões e remos, a ubá constitui a embarcação talhada para navegar a montante da Grande Rocha, podendo transportar em tipo avantajado, cêrca de uma tonelada de carga.

O motor Godille está hoje superado.

Realmente, o Godille está para o Hudson, assim como o velho teodolito Bamberg para o moderno Wild.

Em termos de navegação o Hudson significa, em confronto com o Godille, praticamente um pêso dez vêzes menor e uma velocidade dupla, sem levar em conta a maior facilidade de manejo.

Evidentemente são vantagens importantes, pois quanto à velocidade permite aproveitar bem os trechos do rio sem pedras ou os longos estirões, recuperando o tempo perdido na transposição das cachoeiras.

No que diz respeito à diminuição de pêso, importa em maior leveza da ubá e menor calagem da pôpa.

Por outro lado, um motor de pôpa moderno, desliga-se automaticamente ao contacto com uma pedra ou tronco submerso, ao passo que o motor Godille obriga a muitas paradas, para substituição do pino de hélice, quebrado.

Há cachoeiras como no caso da Pequena Rocha, que aconselham a retirada do motor, então carregado sôbre os braços, expondo-o com maior facilidade, durante o transporte em rochas escorregadias.

Se com a adição do motor de pôpa, deixa de ser a ubá, em parte, a navegação do índio, outros implementos podem ser introduzidos na mesma, visando à saúde e ao confôrto dos passageiros.

Efetivamente, a colocação de um pequeno tôlido impermeável ou de plástico, na parte central da ubá, não prejudicando a manobra da mesma, protege do sol causticante e dos aguaceiros em pleno rio.

Também a feitura de um encôsto no banco da ubá, poupa ao passageiro a incômoda e cansativa posição encurvada, quase de bruços, durante horas a fio.

A dureza do banco pode ser perfeitamente amenizada, com a ajuda de um assento portátil de borracha.

Convém realçar a necessidade de uma precaução, atinente à bagagem conduzida na ubá, isto é, a proteção dos instrumentos técnicos delicados, material de expediente, medicamentos, enfim de tudo o que se prejudique com o contacto d'água ou excessiva umidade.

É que nas travessias das cachoeiras ou corredeiras, a ubá se expõe freqüentemente ao risco das alagações totais, parciais e golfadas d'água.

Impõe-se, pois, que se encare sèriamente o problema de impermeabilização do conteúdo importante dos sacos de lona ou caixas transportadas na ubá, por meio de estojos de borracha ou de matéria plástica, hermêticamente fechados.

Por outro lado, devem ser aproveitados os recursos modernos visando à simplificação da bagagem, sua proteção contra as águas da chuva e do rio, e prevenção aos efeitos da umidade permanente aplicando a experiência do europeu nas regiões tropicais da Ásia e África: colchão, cama e travesseiro, de enchimento com o sôpro e que se resumem, vazios, num insignificante volume; borseguins impermeáveis de grande solado de borracha; fósforos à prova da umidade, como o sueco *The Palmtree*; capas individuais de matéria plástica, etc.

POPULAÇÕES RIBEIRINHAS

À localização de núcleos povoados no Baixo Oiapoque se opõem os longos trechos de margens baixas, lamacentas e alagadiças, ao passo que o povoamento do Médio e Alto Oiapoque, esbarra com as dificuldades do próprio rio, verdadeiro rosário de cachoeiras.

Basta dizer que se contam praticamente dois dias de viagem, entre a Grande Rocha e o Camopi, embora seja de 100 quilômetros aproximadamente o percurso.

Razão, pois, assiste aos nossos patrícios de Boa Esperança do Camopi, ao pleitearem uma ligação rodoviária com Clevelândia do Norte, que se traduziria não só em arrancá-los do prático isolamento, mediante uma viagem de perto de duas horas de jipe ou caminhão, como também lhes permitir que produzam para as localidades consumidoras do Baixo Oiapoque, visto que além de não contarem com transportes regulares, o frete de Cr\$ 600,00, pelo carregamento de uma ubá, lhes tira toda a possibilidade de comércio e conseqüentemente o estímulo de produzir.



Foto 21 — Índios Oiapomi no acampamento da "Confluência" confraternizam-se com demarcadores da Comissão Brasileira. (Foto de Dilermando Mendes)

Baixo Oiapoque

a) *Margem direita* — Os primeiros habitantes brasileiros do rio Oiapoque encontram-se no lugar denominado Diribuá, situado pouco a jusante das ilhas Portuguéas.

É estranho que numa margem baixa, alagadiça, verdadeiro atolado, tenham levantado uma maloca, sustentada por palafita, onde residem pelo menos duas famílias, com muitas crianças.

Ponto de travessia de gado para as Guianas? O fato é que na manhã de 24-XI-956 vimos nesse ponto, uma canoa proveniente de Caiena.

Já a vila Ponta dos Índios, ex-vila do Oiapoque, porém muito conhecida por Demonti, que defronta a extremidade sul da ilha do Bicho, ergue-se em terreno firme, espécie de plataforma, constituída de concreções ferruginosas (manchas lateríticas).

Ponta dos Índios conta com um pôsto fiscal, cujo funcionário é pequeno criador de gado, nas proximidades; uma escola primária e cêrca de dez casas.

Está sendo construída na Ponta dos Índios, uma pequena usina destinada à industrialização da amêndoa de andiroba para obtenção de óleo saponífero e extração de cêra de vela de ucuuba branca.

Há ainda projeto de ser montado nesse local um curtume de couro de jacaré e um frigorífico para armazenar peixe, destinado ao consumo das localidades de Oiapoque e Clevelândia do Norte.

Continuando a subir o Oiapoque depara-se ainda na margem direita, um sítio denominado Santa Catarina, em frente das ilhas Taparabô, contendo árvores frutíferas — cajueiros e jaqueiras — e com roça retirada, cujo proprietário reside na Ponta dos Índios, mas que permanece algum tempo no lugar, tendo no mesmo uma palhoça.

Surge então a maior ilha Taparabô, habitada e com quatro famílias, que se dedicam à pesca e às roças.

O aldeamento de índios Galibi, defronta as ilhas do mesmo nome, cuja menor é habitada por um casal de crioulos guianenses.

As malocas dos Galibi erguem-se em terreno baixo, porém o terceiro dêsses índios, aliás praticamente civilizados, mais parecendo caboclos de feições delicadas, impressiona pela limpeza. São os Galibi, ativos, sem espírito de nomadismo e entre êles vimos uma mulher, dedicada à cerâmica, manufaturando pequenos vasos de argila.

Quando visitamos êste aldeamento não encontramos mais de vinte pessoas, das quais a metade se compunha de crianças.

Abreu e Casa Lili são duas propriedades, que se erguem em pontos elevados da margem direita do Oiapoque, constituindo a última um estabelecimento comercial bem provido de manufaturas brasileiras, em cujas imediações há um pequeno cafêzal.

A montante, num trecho bem proeminente do terreno marginal, encontra-se Santo Antônio, sede de um destacamento da 1.^a Cia. do III Batalhão de Fronteiras, aquartelada em Clevelândia do Norte.

Antes de atingir a cidade de Oiapoque dois moradores se vêem na zona de Morna, um dos quais num outeiro de diabásio decomposto, após o qual o rio alarga até cêrca de 700 metros defronte daquela cidade.



Foto 22 — Tipo de beleza Oiamni, no acampamento brasileiro da "Confluência".
(Foto de Dilermando Mendes)

A localidade de Oiapoque, ex-Espírito Santo que é comumente chamada de Martinica, constitui o maior centro comercial brasileiro do rio Oiapoque.

Por outro lado, é Oiapoque a sede municipal, mais setentrional do território nacional, contando com grupo escolar, pôsto médico, correio e uma agência dos "Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul".

O campo de aviação, localizado num extenso tabuleiro arenoso, a leste da cidade, dista da mesma perto de 7 quilômetros e nêle fazem escala semanalmente um avião do CAN da linha Rio-Caiena, e um avião comercial da Cruzeiro do Sul, da linha Belém-Caiena.

Em Clevelândia do Norte antecipada da ilha Barbosa, com três habitantes, termina o povoamento brasileiro do Baixo Oiapoque, que estimamos em 1 000 habitantes, dos quais 90% se encontram nas localidades de Oiapoque e Clevelândia do Norte.

Teve início o lugar, com uma colonização promovida pelo governo federal, conforme lembra a placa comemorativa fixada no antigo edifício do hospital:

Armas da República
 Centro Agrícola Cleveland
 Inaugurado a 5 de maio de 1922
 Sendo Presidente da República o
 Exmo. Sr. Dr. Epitácio da Silva Pessoa
 Governador do Estado o
 Exmo. Sr. Dr. Antônio Emílio de Sousa Castro
 Ministro da Agricultura o
 Dr. Ildefonso Simões Lopes
 Diretor do Serviço de Povoamento do Solo o
 Dr. Dulfe Pinheiro Machado
 e Chefe da Comissão Fundadora o
 Dr. Gentil Norberto.

Entretanto, tão feliz iniciativa em breve se encaminhou ao malôgro, visto que o remoto Oiapoque acudiu em verdadeiro estalo, quando o Governo da República, resolveu exilar um grupo de prisioneiros das insurreições de 1924 e 1926, acrescentado com criminosos comuns.

Então, triste memória ficou de Clevelândia.

É que o incipiente "Centro Agrícola Cleveland", desvirtuado em suas finalidades, transformou-se num verdadeiro "campo de concentração", onde o impaludismo e a disenteria bacilar não encontraram peias à tremenda ceifa dos desterrados.

Diante e depois disso, quem quis ser colono em Clevelândia?

A bem da verdade, cumpre afirmar que a crença tão arraigada no país, da insalubridade de Clevelândia, não corresponde à realidade.

Haja vista as boas condições de saúde da população local, onde avulta a 1.^a Cia. do III Batalhão de Fronteiras: casos de disenteria podem ocorrer, como aliás sucede em qualquer ponto do Brasil e a malária embora seja um problema endêmico, está praticamente solucionado, porquanto não há mais surtos epidêmicos.

b) *Margem esquerda* — Da mesma forma que acontece com relação à margem brasileira, a distribuição do povoamento ao longo da margem esquerda do Baixo Oiapoque, sofre no seu espaçamento, as injunções ditadas pelos trechos baixos e lamacentos.

Com o vulto da Ponta dos Índios, nenhuma, localidade, aparece a jusante das ilhas Galibis, mas raros pontos habitados, constituindo moradores isolados, como são Luís, na zona do arquipélago Taparabô.

Cêrca de 7 quilômetros a jusante da foz do Gabaret, distingue-se o povoado de Tampac, tipicamente organizado por crioulos de origem

saramacá, os quais se notabilizam numa perfeita identificação com o meio fluvial.

Realmente, Tampac a par de ser um centro de hábeis construtores de ubás e remos originais, constitui-se num núcleo de excelentes canoeiros, grandes práticos do rio Oiapoque e de conceituados transportadores de carga entre Saint Georges e Camopi.



Foto 23 — Índias Oiampi no aldeamento da Guiana Francesa, pouco a jusante da cachoeira Ituçançaim, situada no Alto Oiapoque Superior. (Foto Cel. Mello Moraes)

A metrópole guianense do Oiapoque é Saint Georges, levantada num terraço arenoso que mal se alteia sôbre as águas do rio.

Saint Georges defronta Santo Antônio e fica perto de 2 quilômetros a montante da confluência do Gabaret, que o separa de Tampac, da mesma forma que o rio Pantanari se interpõe entre a cidade de Oiapoque e Clevelândia do Norte.

Altaneiros buritis emprestam aspecto pitoresco a Saint Georges, o que também se denota em frente de Clevelândia do Norte, porém graças às frondosas mangueiras, atrativos que faltam à cidade de Oiapoque, onde na avenida ampla, central, não se vê uma única árvore e muito menos uma aléia de palmeiras, emoldurando a orla barrancosa do rio.

Por outro lado, oferece Saint Georges algo de exótico: ruas emplacadas, vários sobrados de madeira e casas comerciais, ostentando uma estranha variedade de produtos franceses e ingleses.

Entretanto, o que hoje mais distingue Saint Georges é o moderno hospital, com bonita casa de residência do médico, que vem prestando assinalados serviços à população ribeirinha.

Com uns moradores crioulos defronte de Clevelândia e da ilha do Forte, cessa o escasso povoamento do Baixo Oiapoque.



Foto 24 — Índios Oiapoque do aldeamento de Alicotô, na margem esquerda do Alto Oiapoque Inferior, com os seus instrumentos sonoros, num dos dias seguidos de *caxiri* (festa que dura até o esvaziamento do recipiente, contendo dezenas de litros de bebida alcoólica). (Foto Cel. Mello Moraes).

Médio Oiapoque

Como já acentuamos, o Oiapoque a montante da Grande Rocha não se antoja absolutamente, como um convite à penetração.

Se alguns civilizados aparecem no Médio Oiapoque, deve-se principalmente à influência exercida pelas ocorrências auríferas, porquanto nada de prático resta das reduções jesuíticas do século XVIII e da efêmera industrialização do pau-rosa.

Parece-nos que a atual tentativa de colonização do trecho conhecido por Maria Flor, (a montante da cachoeira Anauá e jusante do Cricu), tem de ser reccnsiderada, pois colonizar não é isolar.

Se os habitantes do Baixo Oiapoque já têm atravessado durante o inverno situações críticas por falta de transporte, é muito fácil imaginar as privações a que estão sujeitos os raros moradores do Médio Oiapoque.

Logo abaixo da maior ilha a jusante da foz do Cricu, quatro famílias foram localizadas na margem direita do rio (Maria Flor), que logo roçaram a mata junto do rio. Mas só a falta de assistência médica a êsses colonos os levou dentro de dois meses, a descer o rio, à procura do hospital de Oiapoque, com manifestações de avitaminose.

Todavia alguns verdadeiros heróis, ainda se deparam, rio acima.

Assim é que na margem esquerda do Cricu junto do Oiapoque, levanta-se uma casa, com moradores e logo a montante, na margem esquerda do Oiapoque, em frente do estrangulamento do rio, mora a negra JOSEFA.

Sucedo longo trecho completamente despovoado, até que a cêrca de 3 quilômetros da confluência do Anotaié, na margem direita, surge o *carbet* (tapiri) e a roça de um casal de crioulos (negra MARTHY).

Em seguida, na ponta elevada entre a foz do Anotaié e o Oiapoque, aparecem umas goiabeiras e cajueiros, encontrando-se um pouco retirados os *carbets* de um casal de crioulos ingleses (José, mulher e filha).

Além da famosa "Roche Mon Père" e aproximadamente a 2 quilômetros a jusante da foz do Marupi, mora o velho cearense, JOAQUIM DE ANDRADE, que de Sobral veio ter na ilha de Marajó e aí, se juntou com uma mulher de Afuá, vivendo naquele êrmo, com 4 filhos (em vésperas de cinco).

Curioso é que a senhora não quer levar uma vida de índios, estando ansiosa para deixar o Oiapoque, ao passo que o marido, embora se queixe amarguradamente das privações que vê seus filhos sofrerem: mal alimentados, sem escola e muitas vês doentes — não fala em abandonar aquela existência duplamente marginal.

Nas proximidades da foz do Camopi, acima da cachoeira Camopiçu, é o Oiapoque de margens altas, habitado, notando-se desmatações para roças.

Finalmente aparecem os últimos núcleos povoados por civilizados: Camopi e Boa Esperança.

Boa Esperança, povoado brasileiro defronta o rio Camopi e o pôsto aduaneiro do mesmo nome.

O Serviço de Proteção aos Índios manteve ali um pôsto, do qual restam os apetrechos de uma casa de farinha, inclusive um motor a gasolina.

Vimos em Boa Esperança cêrca de vinte brasileiros, dos quais a maioria é composta de crianças, notando apenas da parte de assistência do território, uma escola primária, cujo professor, sob o critério de rodízio, ali permanece uma temporada do ano.

Está o lugar na esfera da influência do ouro, tanto que o dinheiro corrente é o "grama-ouro".

Todavia, Boa Esperança do Camopi significa um avanço da ocupação brasileira ao longo do Oiapoque, pois quando do estudo do rio pelo geólogo PEDRO DE MOURA, há um quartel de século, o último morador demorava na foz do Cricu.

No local da missão jesuítica Nossa Senhora da Fé, surgido em 1738, no saliente entre a foz do rio Camopi e o Oiapoque, está situado o pôsto aduaneiro do território de Inini, no rio Oiapoque — Camopi.

Oferece Camopi aspecto agradável, notando-se a construção moderna da enfermaria, com uma enfermeira francesa; a casa do *gendarme*, ocupada pelo mesmo, senhora e filha, além de *carbets* e notoriamente uma estação de rádio e um pôsto meteorológico, que vem prestando interessante contribuição ao conhecimento climatológico da região.

Índios Emerillon — Na margem esquerda do Camopi junto do Oiapoque, existe um aldeamento de índios Emerillon, os quais por ocasião dos nossos estacionamentos em Boa Esperança, cruzavam o Oiapoque, transportando cará, cana, abanadores, arcos e flechas, em troca de bolachas e biscoitos.

Recebemos as visitas de cerca de quinze índios Emerillon que vinham sempre em grupos: homens, mulheres e crianças.

Os índios Emerillon mantêm estreito contacto com os civilizados de Boa Esperança e Camopi, porém afiguram-se-nos num estágio de civilização intermediário entre os Oiampi e Galibi.

São de feições mais delicadas ou menos grosseiras que as do Oiampi; têm o ventre dilatado, salvo os homens velhos; alguns se pintam de urucu; usam colares de miçangas, tanto os homens, quanto as mulheres, que traem a idade e os partos na maior ou menor rigidez dos seios desnudos.

Todos aparentam ser observadores, curiosos, porém não tocam em nada, sem que se deixe.

Dos objetos dos civilizados seguem na aceitação, o sentido da utilidade ou da vaidade, preferindo armas de caça, anzóis, facas, terçados (facões de mato), panos vermelhos para camichá (tanga), espelhos, pentes e miçangas.

São ávidos de cigarros, biscoitos e farinha d'água, denotando sempre apetite voraz.

O "capitão" dos Emerillon é trígamo, chegando a esta condição gradativamente, isto é quando a primeira espôsa foi envelhecendo arranhou uma mulher nova, depois que esta atingiu perto de trinta anos e teve filhos, conseguiu outra bem jovem e bonita.

Informaram-nos que o sistema do índio velho, é tomar uma menina de 7 ou 8 anos, para criar, casando com a mesma, logo que ela alcance a puberdade, embora já tenha uma ou mais mulheres.

Importa ressaltar que as três mulheres do cacique vivem em plena harmonia, sem o menor constrangimento e lhe são fiéis, embora sobre a mais velha recaia o trabalho mais pesado, competindo à inter-

média a criação dos filhos e da mais nova êle é muito cioso: tudo muito natural, como não cobrir os seios.

Ouvindo um outro Emerillon trígamo, duas de suas mulheres e um jovem índio, organizamos um vocabulário, grafando tal como pronunciavam.



Foto 25 — Tuxaua dos "Emerillon", aldeados junto à foz do Camopi, na Guiana Francesa, com as duas espôsas mais jovens, das três que possui. Distingue-se na foto um tipo de beleza dos "Emerillon". (Foto Cel. Mello Moraes).

Quanto aos nomes dos animais, tínhamos à mão o livro de R. VON IHERING — *Da Vida dos Nossos Animais* — o qual fomos paginando e mostrando as figuras.

Portanto, se a grafia da pronúncia indígena não corresponder com fidelidade, culpe-se ao ouvido ou à dificuldade de registrar certos sons, porém o mérito de se verificar por um processo indireto, qual a maior parte dos bichos existentes, pelo menos no Médio e Alto Oiapoque.

a) *Mamíferos:*

Anta — maipuri; capivara — capivara; quati — coachi; cutia — zananuno; morcêgo — susuri; onça — janapeline; ouriço — cuim; preguiça — guariri; rato-do-mato — atonom; serelepe — cotipuru; tatu — tatu; veado — caiacu.

b) *Aves:*

Andorinha — xiroró; beija-flor — tocochi; coruja — cucu; picapau — pecu; papagaio — curé; tucano — tucano.

c) *Répteis:*

Cágado — tauru; camaleão — jamacá; cobra cipó — arabote; cobra nova — cutaura; jacaré — caimã; jibóia — dioi; lagarto — ucuraru; lagartixa — tamucuaré; sucuri — embodiú.

d) *Anfíbios:*

Cobra-cega — tatamoi; rã — critô; sapo — pureru.

e) *Peixes:*

Acará — acará; sunubim — pirapocu; traíra — traíra.

f) *Insetos:*

Gafanhoto — titi; louva-a-deus — averucá; grilídeo, paquinha ou macaco — cambucambu; besouros, passalidae e lucanidae — aramandai; besouro cicindelidae — pamu; borboleta — mapaná; borboleta *Hesperidae* — aruru; borboleta *Heliconiidae* — iogo; mosquito — botugo.

g) *Moluscos:*

Caracol (*Solaropsis feisthameli*) — cuerorô; caracol *Strophoecilus oblongus* — tamancinhã.

h) *Crustáceos:*

Caranguejo do rio — guararu.

i) *Aracnóides:*

Escorpião — sipiri; caranguejeira — zandê.

j) *Chilópodos e Díplodos:*

Centopéia — macupépé; piolho-de-cobra (*Leptodesmus*) — ambuá; piolho de cobra (*Rhinocricus*) — araracuaá.

Partes do corpo humano:

Bôca — erembé; bochecha — detuapê; braço — ejuá; cabeça — iacanga; cabelo — ecanará; cotovêlo — diupecrerã; dedo da mão — poã; dedo do pé — pracanhú; dente — enaine; joelho — ecataque; língua — ecu; mão — epuapu; nádegas — eraiquarte; nariz — etim; olhos — edeá; orelha — nami; peito de homem — cambopue; perna — eretuma; pescoço — iarupu; queixo — eraditá; sangue — teurcate; seios — ecame; testa — irapucangue; umbigo — epunuã; ventre — anhe.

Frutas:

Abacaxi — naná; banana — pacuá; caju — cadju.

Diversos:

Água — i (aliás um misto de *e* e *i*); cachaça — caxiri; cachaça de cará — ande mandioca; cuspe — erendeeuê; faca — mariá; fogo — tatá; lua — zaê; ôvo — upiá; sol — quaral; Terra — kiguá — carará; terra — enê.

Alto Oiapoque

Embora represente mais de 50% da extensão do rio Oiapoque, o estágio da civilização no Alto Oiapoque ainda é pré-cabraliano.

Apenas quatro aldeamentos de índios Oiampi, se vêem até os formadores do rio Oiapoque e todos situados em sua margem esquerda, reunindo cêrca de uma centena de indígenas, que ao contrário dos Galibi e Emerillon pouco contacto mantêm com os civilizados, máxime os que habitam a montante da cachoeira dos Três Saltos.

Êsses 4 aldeamentos estão distribuídos, os dois primeiros no Alto Oiapoque Inferior e os dois últimos no Alto Oiapoque Superior:

- 1) — Em Alicotô cêrca de 10 quilômetros a montante da confluência do Camopi, entre as cachoeiras Camarauá e Alicotô.
- 2) — A jusante da foz do Iauê, cêrca de 6 quilômetros.
- 3) — A jusante da cachoeira Ituçañaim, perto de 1 quilômetro.
- 4) — Entre a foz do Mutaquera e a cachoeira Ituçañaim.

Nota — Na margem direita do rio Uacipeim, um dos formadores do Oiapoque, está localizado um agrupamento de cêrca de duas dezenas de Oiampi que foi encontrado na margem esquerda daquele rio, abaixo da confluência do rio Mariuá pela expedição da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1.^a Divisão, em 1954, mas em 1956, já se tinham deslocado mais para baixo, instalando-se na margem direita.

Os Oiampi são os índios mais rústicos do Oiapoque; dotados de feições grosseiras, pele mais bronzada, estatura media, espadaúdos e musculosos.

Ao contrário dos Emerillon que penteiam e cortam os cabelos na altura das orelhas, os Oiampi apresentam-se com opulentas cabeleiras, descuidadas e caídas sobre os ombros.

Tanto as mulheres, quanto os homens têm o ventre dilatado; cobrem as partes genitais de camichá vermelho e enfeitam-se de miçangas, pintando-se de urucu, mais os homens que as mulheres.



Foto 26 — Tipo de beleza dos "Galibi", índios de origem caribe, em traje de festa.
(Foto Cel. Mello Moraes).

Periódicamente reúnem-se em festas, no aldeamento do Alicotô, dançando ao som de rudes instrumentos de sôpro, até que caiam prostrados, entorpecidos com os repetidos tragos de caxiri de cará, com isso esvaziando uma ubá.

São os Oiampi hábeis tinguijadores do Alto Oiapoque, por meio do timbó.

Em suas longas viagens, carregam na ubá, bichos moqueados: macaco-prego, camaleão e peixe.

Dedicam-se os Oiampi a uma agricultura rotineira, abrindo roçados junto à margem do rio, onde se notam em certos pontos, clareiras de velhas tigueras.

As culturas mais comuns são a de cará, cana-de-açúcar, aipim, inhame, batata-doce, milho e banana.

CANOEIROS DO OIAPOQUE

Cumpre-nos realçar aqui o trabalho dos nossos canoeiros, sem esquecer da notável habilidade, resistência e conhecimento do rio que têm os negros *bosh's* e saramacás, da Guiana, alguns de compleição atlética, da qual destoam as pernas finas, atrofia que se atribui ao pouco exercício das mesmas, visto que todo o esforço na ubá, ao vencer rios e cachoeiras, apela para a musculatura dos braços e busto: remo, *takari*, arrastamento e cabo de proa.

Há entre as gentes do Brasil o herói do cavalo, do mar e das caatingas, mas também existe o herói dos rios.

O Sul tem os gaúchos; o Nordeste os jangadeiros e vaqueiros — o Norte tem os canoeiros.

Muito se tem exaltado a dextreza e o valor dos cavaleiros e domadores gaúchos; a coragem e estoicismo dos jangadeiros; a resistência e sobriedade dos caminhantes nordestinos; a bravura e agilidade dos vaqueiros das caatingas.

Mas tão grandes são os práticos dos rios da Amazônia, das cachoeiras, canais, furos, breves e igarapés e os canoeiros proeiros, remadores, varejadores e maquinistas.

Canoeiros! Ei-los no hábil manejar dos remos sôbre as ubás ou canoas, ao atracar ou desatracar das margens; aproveitando, conforme as circunstâncias, a correnteza ou o remanso; escolhendo as horas de viagem, de acôrdo com a observação da maré, muitas vêzes para evitar a surpresa da pororoca; escolhendo judiciosamente o canal de navegação: contornando baixios e desviando dos troncos flutuantes.

Mas isso é banal, nem tudo é planície...

Quando se torna necessário remontar ou descer os rios encachoeirados, que vêm das fronteiras ao norte do Brasil, então surge o herói.

Cada cachoeira, cada canal rochoso, é um obstáculo a vencer, revestido das suas peculiaridades, que se transmutam de aspecto, algumas vêzes, em poucas horas.

Audácia, decisão rápida, precisão e iniciativa sem vacilações, ante qualquer imprevisto, são os requisitos básicos aos canoeiros de tais emprêsas.

Motor de pôpa parado ou não? Subir a varejão e remo? Puxar pelo cabo de proa? Descer com a ajuda do cabo de pôpa? Homens dentro do rio dirigindo a canoa? Passar direto? Apelar para o varadouro marginal?

Então, muitas vêzes, se impõe a decisão de César, embora não se trate de nenhum plácido Rubicão: *Alea jacta est!*

Cachoeiras já conhecidas, excluem de antemão a veleidade de passá-las de canoa: só resta o recurso do varadouro e quando muito, a passagem, com ou sem motor, procurando um desvio d'água.

Nem sempre o conhecimento, dos práticos do rio, proeiros e maquinistas, é suficiente para evitar os baixios, as rochas escondidas ou a força da correnteza.

Por isso a tripulação da canoa não pode vacilar, ante certas situações inopinadas: é pular no rio, empurrar a canoa; usar varejão, remo ou cabo, enfim, resolver o problema de qualquer modo.

É quando se projeta o trabalho admirável dessa gente, correndo riscos de tôda ordem: equilibrando-se nas rochas das corredeiras, nadando, empurrando ou sustentando a canoa, dentro d'água, não raro infestada de sucurijus e poraquês.

Concluindo êste relatório, rendemos nossa homenagem à Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — 1.^a Divisão, pela árdua, grandiosa missão que vem cumprindo, lutando contra tôda sorte de obstáculos e saudamos os heróis das campanhas passadas, evocando o Jari, Majari, Bucajá, Catrimâni e Demeni!

SUMMARY

In 1956, the author headed the Brazilian team of the Franco-Brazilian Joint Commission on Frontier Demarcation between Brazil and French Guiana, put in charge of determining the thalweg of the River Oyapock, known in Brazil as the Rio Oiapoque.

This mission led to the definition of sovereignty, Brazilian or Guianan, over hundreds of islands lining this border river from its mouth in Oyapock Bay up to the mouth of the River Ingarari on the right bank.

In his report upon conclusion of the mission, the author analyses the physical and human characteristics of the river, which is divided into three sections: the upper, middle and lower Oyapock.

The author assigns to the River Oyapock a watershed of 30,000 sq. km. (11,583 sq. miles) and a length of 352 km. (219 miles), of which 186 km. (116 miles) corresponds to the upper, 102 km. (63 miles) to the middle and 64 km (40 miles) to the lower course.

Furthermore, the present study shows that the width of the River Oyapock varies from 20 to 5,000 metres (65 to 16,500 feet) and the general gradient of its course is very gentle (0.04%).

The report itself is divided into chapters entitled, "Physiographic Observations", "Islands and Archipelagoes", "General Conditions of Navigability" and "Riverside Populations and boatmen of the Oyapock". In this last chapter, the author praises the skill, courage and endurance of the men that thrust their canoes up past the shoals, waterfalls and rapids that are strung out along the middle or upper courses of the rivers that rise in the mountains along the northern frontier of Brazil.

In the "Physiographic Observations", the author goes into a comprehensive explanation of the tectonic origin of the Oyapock basin and the formation of the falls, rapids and transverse reefs, due to intrusions or dykes, respectively of alkaline and magmatic rocks, that rejuvenate many stretches of the river in its middle and upper course, making navigation only possible in canoes or dugouts.

Moreover, the author examines the process of decomposition of the rocks in the bed of the Oyapock; the formation of potholes; "fluvio-metric" rocks; the conglomerate at Clevelandia do Norte; the Pleistocene formation of Oyapock Bay; and the rocks that are typical of the basin.

After evaluating the mineral resources, the author discusses the relief, climate, flora, forest products and fauna of the Oyapock basin, stressing the Amazonian aspect of the various manifestations of vegetable and animal life.

In the chapter on "Islands and Archipelagoes of the River Oyapock", the author proceeds to a detailed study of these features, describing the most important islands from the standpoint of their distribution in the higher upper, lower upper, middle and lower course of the river.

The author also presents a substantial contribution to a knowledge of the "General Conditions of Navigability of the River", reviewing each of the major sections into which the course of the Oyapock is divided; after alluding with admiration to the prowess of the boatmen in the more turbulent waters of the Amazon basin, the author concludes his report with practical observations on the "Riverside Populations", pointing out the unbroken nature of the forest along the banks of the Upper Oyapock, with only an occasional clearing for the communal hut of a tribe of Oyapi Indians; the difficulties in the way of settlement in the region of the Middle Oyapock; and the restrictions imposed on demographic occupation by the relief in the valley of the Lower Oyapock.

RÉSUMÉ

En 1956, l'auteur a dirigé le group de la commission mixte franco-brésilien de démarcation de la frontière entre le Brésil et la Guyane française, chargé de la détermination du thalweg du fleuve Oyapok, connu au Brésil sous le nome de Rio Oiapoque.

Cette mission a eu pour résultat la définition de la souveraineté brésilienne ou guyanaise sur des centaines d'îles qui se succèdent le long de ce fleuve frontalier depuis son embouchure dans la baie d'Oyapok jusqu'à l'embouchure de son affluent, le fleuve Ingarari, sur la rive droite.

Dans son rapport à la fin de sa mission, l'auteur a analysé les caractéristiques physiques et humaines de ce fleuve dont le cours est divisé en trois sections: haut, moyen et bas Oyapok.

L'auteur attribue à Oyapok un bassin de réception de 30 000 km² et une longueur de 352 km dont 186 correspondent au haut cours, 102 au moyen Oyapok et 64 au bas Oyapok.

D'un autre côté, l'étude actuelle montre que la largeur du fleuve varie de 20 à 5 000 mètres et que la déclivité générale de son cours est très douce (0,04%).

Les chapitres du rapport considèrent: "Observations physiographiques"; "Iles et archipels"; "Conditions générales de navigabilité"; "Populations riveraines et mariniers de l'Oyapok". Dans le dernier chapitre l'auteur fait l'éloge de l'adresse, du courage et de la résistance des hommes de l'Amazonie à vaincre les passages, chutes d'eau et rapides qui se répètent au long du cours moyen ou supérieur des fleuves dont les sources se trouvent dans les montagnes de la frontière septentrionale du Brésil.

Dans les "observations physiologiques" l'auteur explique en détail l'origine tectonique du bassin de l'Oyapok et de la formation des chutes d'eaux, rapides et bancs de rochers dus à des intrusions ou bien à des digues, respectivement de roches alcalines ou magmatiques, qui rajeunissent de nombreuses parties du fleuve dans son cours moyen et supérieur où la navigation est seulement possible en canots ou en pirogues.

D'autre part, l'auteur examine le processus de décomposition des roches du lit de l'Oyapok; la formation de marmites; des roches fluviométriques; le conglomérat de Clevelândia do Norte.

Après avoir évalué les ressources minérales, l'auteur considère le relief, le climat, la flore, les produits de la forêt et la faune du bassin de l'Oyapok, en soulignant l'aspect amazonique des manifestations de la vie végétale et animale.

Dans le chapitre sur les "Iles et archipels de l'Oyapok", l'auteur examine minutieusement ces accidents en étudiant les îles les plus intéressantes selon le critère de leur distribution dans l'Oyapok haut supérieur, bas inférieur, moyen et bas.

L'auteur apporte également une contribution substantielle aux "Conditions générales de navigabilité du fleuve" par son étude de chacune des grandes sections dans lesquelles il divise le cours de l'Oyapok et, après son éloge des indigènes des fleuves torrentiels du bassin amazonique, il clos son rapport par des observations objectives sur les populations riveraines en soulignant la continuité de la forêt sur les rives de l'Oyapok supérieur avec de rares huttes communautaires d'indiens Oyapis; les difficultés qui s'opposent au peuplement du moyen Oyapok; et les restrictions que le relief présente à l'occupation démographique du bas Oyapok.